

## Instalou-se a Escravatura da Nova Ordem Mundial



### MEE = 17 golpes de estado na Europa Governo pelos bancos e para os bancos

Na sexta-feira, 29 de Junho, a chanceler alemã Angela Merkel aceitou mudanças num fundo permanente de salvamento da eurozona – "antes a tinta estava seca", como se queixavam alguns críticos. Além de facilitar as condições em que os salvamentos seriam concedidos, as concessões incluíram um acordo em que fundos destinados a governos endividados poderiam ser canalizados directamente para bancos aflitos.



Segundo Gavin Hewitt, editor de Europa da BBC News, as concessões significam que:

O fundo de salvamento da eurozona (suportado pelo dinheiro dos contribuintes) estará a tomar uma participação em bancos fracassados.

O risco foi agravado. Os contribuintes alemães aumentaram os seus passivos. No futuro, um crash bancário já não cairá sobre os ombros de tesouros nacionais e sim sobre o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), um fundo para o qual a Alemanha contribui com a maior parte.

No curto prazo, estas medidas facilitarão a pressão nos mercados. Contudo, actualmente há apenas 500 mil milhões de euros assinalados para o MEE. Essa quantia ser engolida rapidamente e os mercados podem exigir mais. Ainda não está claro quão profundos são os buracos nos bancos da eurozona.

O MEE agora é um fundo de salvamento permanente para bancos privados, uma espécie de "previdência para os ricos". Não há tecto nas obrigações a serem subscritas pelos contribuintes, nem espaço para negociar e nenhum recurso a tribunal. Suas disposições amedrontadoras foram resumidas num vídeo do youtube de Dezembro de 2011, originalmente apresentado em alemão, intitulado "A verdade chocante do iminente colapso da UE!" (ver acima, legendado em português).

O tratado estabelece uma nova organização intergovernamental para a qual exigem-nos transferir activos ilimitado dentro de sete dias se for requerido, uma organização que pode processar mas está imune a qualquer forma de processo e cujos administradores desfrutam da mesma imunidade. Não há revisores independentes e não existem leis a aplicar. Os governos não podem actuar contra ele. Os orçamentos nacionais da Europa estão nas mãos de uma única organização intergovernamental não eleita.

Aqui estão algumas das disposições chave do MEE :

[Artigo 8]: "O capital autorizado será de €700 mil milhões".

[Artigo 9]: "Os membros do MEE por este instrumento comprometem-se irrevogavelmente e incondicionalmente a pagar qualquer chamada de capital que lhes seja feita... tal pedido será pago dentro de sete dias após o recebimento".

[Artigo 10]: "O Conselho de Governadores... pode decidir mudar o capital autorizado e emendar o Artigo 8... em consequência".

[Artigo 32, parágrafo 3]: "O MEE, suas propriedades, fundos e activos... desfrutarão de imunidade em relação a toda forma de processo judicial..."

[Artigo 32, parágrafo 4]: "As propriedades, fundos e activos do MEE serão... imunes a investigação, requisição, confisco, expropriação ou qualquer outra forma de captura, tomada ou arresto por acção executiva, judicial, administrativa ou legislativa".

[Artigo 30]: "... Governadores, Governadores suplentes, Directores, Directores suplentes, bem como o Director Administrador e outros membros do staff serão imunes a procedimentos legais quanto a actos desempenhados por eles na sua função oficial e desfrutarão de inviolabilidade em relação aos seus papeis e documentos oficiais".

E isto foi antes das recentes concessões de Merkel, a qual permitiu este endividamento ilimitado ser canalizado directamente para os bancos.  
Por que Merkel cedeu?

"As reacções quanto voltou para casa foram devastadoras", relatou *Der Spiegel*. "A impressão era que [Merkel] fora manobrada pelo primeiro-ministro italiano Mario Monti e o primeiro-ministro espanhol Mariano Rajoy.

Até 21 de Junho, 13 dos 17 países ainda não haviam ratificado o MEE [NR] e a mais importante ratificação necessária era a da Alemanha, a maior economia na

Eurozona. Anteriormente, Angela Merkel opusera-se a utilizar o fundo de salvamento para despejar dinheiro directamente dentro de bancos europeus aflitos. Mas na cimeira da UE que começou quinta-feira e arrastou-se até bem tarde da noite, ela finalmente aquiesceu. Na noite de sexta-feira passada, deputados alemães votaram por 493-106 a favor dos €700 mil milhões do fundo de salvamento permanente.

O que levou Merkel a recuar? Segundo um artigo em *The Economist*, a última noite foi "preenchida com logros e fanfarronadas", nas quais Mariano Rajoy, o primeiro-ministro espanhol ..., juntamente com Mario Monti da Itália, ameaçaram bloquear qualquer acordo na cimeira a menos que suas exigências fossem atendidas. O sr. Rajoy foi satisfeito, mas o mesmo não é verdadeiro em relação ao sr. Monti, que foi o mais inflexível dos dois.

O sr. Monti declarou-se satisfeito, mas provocou considerável irritação juntos aos parceiros. Dentre os acordos que ele bloqueou estava o "pacto de crescimento", um conjunto de medidas de estímulo.

O que Monti alcançou com esta manobra não ficou claro:

"Quem precisa de pacto de crescimento? Não a Alemanha", disse um participante perplexo. Os falcões fiscais da eurozona dizem que o mecanismo de compra de títulos será pouco diferente do sistema existente. "Mario Monti ergueu uma arma contra a cabeça e ameaçou atirar sobre si próprio". No fim, feriu-se no ombro", disse um diplomata desdenhoso.

Talvez. Ou talvez o mecanismo de compra de títulos não fosse realmente assim.

### O golpe de estado italiano

Há razão para suspeitar que o "Super Mario" Monti pode ser a representar outros interesses diferentes daqueles do seu país. Ele subiu ao poder na Itália em Novembro último naquilo que certos críticos chamaram um "golpe de estado" engendrado por banqueiros e a União Europeia". Ele não foi eleito mas intrometeu-se depois de o primeiro-ministro Silvio Berlusconi renunciar sob coação.

Monti é não só um "conselheiro internacional" do Goldman Sachs, uma das mais poderosas firmas financeiras do mundo, como também um líder do Grupo Bilderberg e da Comissão Trilateral. Num artigo em *The New American*, Alex Newman chama estes grupos clandestinos de "duas das mais influentes cabalas hoje existentes". Monti está listado como membro do comité de direcção no sítio web oficial de Bilderberg e como o presidente do Grupo Europeu no sítio web da Comissão Trilateral.

A Comissão Trilateral como co-fundada em 1973 por David Rockefeller e Zbigniew Brzezinski, também participantes de Bilderberg. A Comissão Trilateral formou-se a partir da tese de 1970 de Brzezinski, *Between Two Ages: America's Role in the Technetronic Era*, de que era necessária uma política coordenada entre países desenvolvidos a fim de conter a instabilidade global que irrompia da crescente desigualdade económica. Ele escreveu no seu livro de 1997, *The Grand Chessboard*, que seria difícil alcançar um consenso sobre estas questões "excepto na circunstância de uma ameaça externa directa realmente maciça e amplamente

percebida".

Naomi Klein chamou-o "a doutrina de choque" – um desastre induzido forçando medidas de austeridade sobre países soberanos. Em desespero, eles obedeceriam, renunciando o direito soberano dos governos para um corpo não eleito de tecnocratas. E é isto que o MEE parece alcançar.

Rockefeller notoriamente escreveu na sua autobiografia de 2002: "Alguns acreditam mesmo que somos parte de uma cabala secreta a trabalhar contra os melhores interesses dos Estados Unidos, caracterizando minha família e eu como "internacionalistas" e de conspirar com outros por todo o mundo para construir uma estrutura política e económica global mais integrada – um mundo, se você quiser. Se esta é a acusação, declaro-me culpado e estou orgulhoso disso".

### A aplicar a Doutrina de Choque

Num outro golpe de banqueiros em Novembro último, Mario Draghi, o antigo executivo da Goldman Sachs, substituiu Jean-Claude Trichet como governador do Banco Central Europeu. O Mecanismo Europeu de Estabilidade seguiu-se rapidamente. Era um instrumento de resgate permanente destinado a substituir certos instrumentos temporários tão logo os estados membros o houvessem ratificado, o que deve ocorrer em 1 de Julho de 2012. O MEE foi submetido a uma votação inicial em Janeiro de 2012, quando foi aprovado na calada da noite mal havendo menção na imprensa.

As modificações recentes foram também acordadas na calada da noite, ostensivamente porque a Itália e a Espanha estavam aflitas onerosas altas taxas de juro. Mas há outras maneiras de deitar abaixo taxas de juro sobre dívida soberana além de impor a países inteiros pactos ilimitados para salvar bancos privados perpetuamente com somas ilimitadas, na esperança de que em troca os bancos possam salvar os governos.

O défice orçamental de 2012 dos Estados Unidos é significativamente pior do que o da Itália ou o da Espanha, mas de certo modo os EUA conseguiram gerir para manter as taxas de juro sobre a sua dívida em registos baixos. Como conseguiu?

Uma teoria é que US\$57 milhões de milhões do JP Morgan em swaps de taxas de juro tem algo a ver com isso. Uma outra explicação, entretanto, é que o Fed simplesmente interveio como prestamista de último recurso e comprou qualquer dívida não vendida à baixa taxa de juro estabelecida pelo Tesouro, utilizando a "*quantitative easing*" (dinheiro criado num écran de computador). Entre Dezembro de 2008 e Junho de 2011, o Fed comprou colossais US\$2,3 milhões de milhões de títulos dos EUA e duas rodadas de *quantitative easing*. Por que o Banco Central Europeu não pode fazer a mesma coisa? A resposta é que há regra em contrário, mas regras são apenas acordos arbitrários. Elas podem ser mudadas por acordo – e muitas vezes isso tem acontecido, para salvar os bancos.

Como observou o cínico citado no artigo acima em *The Economist*, o mecanismo de compra de títulos para países sobre o MEE será pouco diferente do sistema existente. Mario Monti disse que o plano apoiará preços de títulos do governo "só em países que cumpram objectivos fiscais e que ele actuará como um incentivo

para os governos seguirem políticas virtuosas". Isso significa evitar défices, mesmo que exija ainda mais medidas de austeridade e venda de activos. No nível público, isso poderia significar tesouros nacionais como a Acrópole. No nível privado, *The New York Times* informou sexta-feira que alguns desempregados europeus chegavam até a vender os seus rins para pagar despesas familiares. A doutrina de choque, parece, chegou à porta dos privilegiados ocidentais.

Os diplomatas alemães na negociação do MEE deixaram abertas algumas janelas de escape, incluindo um pedido ao mais alto tribunal da Alemanha para o presidente do país não assinar os tratados convertendo-o em lei até que uma revisão legal possa ser completada. Espera-se que pelo menos 12 mil queixas sejam apresentadas ao Tribunal Constitucional Federal quanto ao MEE e o seu impacto fiscal. A revisão legal poderia concluir que o MEE sequestra ilegalmente fundos dos contribuintes em proveito da banca privada.

Uma coisa é compartilhar recursos nacionais para salvar outros governos soberanos, outra muito diferente é preencher um cheque em branco para salvar os bancos privados perdulários que precipitaram a retracção global. A Europa tem uma forte tradição de bancos de propriedade pública. Se o povo deve arcar os custos, o povo deveria possuir os bancos e colher os benefícios.

02/Julho/2012

[NR] O parlamento português foi um dos primeiros. A Assembleia da República ratificou o Tratado do MEE em 13/Abril/2012, com os votos favoráveis dos deputados do PS, PSD e CDS. Não se sabe quantos desses deputados leram o tratado que aprovaram e, dos que leram, quantos o entenderam.

## **O Mecanismo Europeu de Estabilização, ou como a Goldman Sachs capturou a Europa**

Ellen Brown [**\***]

O golpe da Goldman Sachs que falhou na América está quase a ter êxito na Europa – um salvamento permanente, irrevogável e incontestável para os bancos que é financiado pelos contribuintes.

Em Setembro de 2008 Henry Paulson, antigo presidente da Goldman Sachs, conseguiu extorquir do Congresso um salvamento bancário de US\$700 mil milhões. Mas para ter êxito nisso ele precisou cair de joelhos e ameaçar de colapso todo o sistema financeiro global e ainda a imposição de lei marcial. E o salvamento era um caso pontual a ser efectuado só uma vez. O pedido de Paulson de um fundo de salvamento permanente – Troubled Asset Relief Program ou TARP – teve a oposição do Congresso e acabou por ser rejeitado.

Em Dezembro de 2011, o presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, antigo vice-presidente da Goldman Sachs Europe, conseguiu aprovar um salvamento de 500 mil milhões de euros para bancos europeus sem pedir permissão a ninguém. E em Janeiro de 2012, um programa de financiamento permanente de resgates, chamado Mecanismo de Estabilidade Europeia (MEE), foi aprovado na calada da noite mal sendo mencionado pela imprensa. O MEE impõe uma dívida

ilimitada a governos membros da UE, colocando os contribuintes no anzol para seja o que for que venha a ser exigido pelos eurocratas supervisores do MEE.

O golpe dos banqueiros triunfou na Europa aparentemente sem um combate. O MEE é encorajado pelos governos da eurozona, pelos seus credores e igualmente pelo "mercado", porque significa que investidores continuarão a comprar dívida soberana. Tudo é sacrificado aos pedidos dos credores, porque de que outro lugar o dinheiro pode ser obtido para manter a flutuar as dívidas paralisantes dos governos da eurozona?

Há uma outra alternativa à escravidão da dívida para com os bancos. Mas, em primeiro lugar, um olhar mais atento ao ventre abominável do MEE e à silenciosa tomada do BCE pelo Goldman.

### O lado escuro do MEE

O MEE é um organismo de resgate permanente destinado a substituir tanto o European Financial Stability Facility como o European Financial Stabilization Mechanism, ambos temporários, assim que Estados Membros representando 90% dos compromissos de capital o houverem ratificado, o que se espera acontecer em Julho de 2012. Num vídeo do YouTube de Dezembro de 2011 intitulado "A chocante verdade do iminente colapso da UE", apresentado originalmente em alemão, faz revelações sobre o MEE que vale a pena aqui citar extensamente. O vídeo afirma:

A UE está a planear um novo tratado chamado Mecanismo Europeu de Estabilidade, ou MEE: um tratado de dívida. ... O stock de capital autorizado será de 700 mil milhões de euros. Pergunta: por que 700 mil milhões? [Provável resposta: ele simplesmente imitou os US\$700 mil milhões que o Congresso dos EUA comprou em 2009].

[Artigo 9º] "... Membros do MEE por este instrumento irrevogavelmente e incondicionalmente comprometem-se a pagar a pedido qualquer chamada de capital que se lhes faça ... dentro de sete dias após a recepção do pedido". ... Se o MEE precisar dinheiro, temos sete dias para pagar. ... Mas o que significa "irrevogavelmente e incondicionalmente"? O que acontece se tivermos um novo parlamento que não queira transferir dinheiro para o MEE? ...

[Artigo 10º] "O Conselho de Governadores pode decidir mudar o capital autorizado e emendar o Artigo 8 ... correspondentemente". Pergunta: ... 700 mil milhões é só o começo? O MEE pode aumentar o fundo tanto quanto quiser, em qualquer momento que quiser? E a nós então seria exigido sob o Artigo 9 que pagássemos irrevogavelmente e incondicionalmente?

[Artigo 27, linhas 2-3]: "O MEE, sua propriedade, recursos financeiros e activos ... desfrutará de imunidade em relação a toda forma de processo judicial ..."  
Pergunta: Então o programa MEE pode processar-nos, mas nós não podemos contestá-lo em tribunal?

[Artigo 27, linha 4]: "A propriedade, recursos financeiros e activos do MEE ... será

immune a investigação, requisição, confisco, expropriação ou qualquer outra forma de captura, tomada ou arresto por acção executiva, judicial, administrativa ou legislativa". Pergunta: Isto significa que nem os nossos governos nem os nossos legisladores, nem qualquer das nossas leis democráticas têm qualquer efeito sobre a organização do MEE? Isto é um tratado bastante poderoso!

[Artigo 30]: "Governadores, governadores suplentes, directores, directores suplentes, o director administrativo e os membros da equipe serão imunes a processos legais em relação a actos por eles desempenhados ... e desfrutarão de inviolabilidade em relação aos seus papéis e documentos oficiais". Pergunta: Então alguém envolvido no MEE está fora do anzol? Eles não podem ser responsabilizados por qualquer coisa? ... O tratado estabelece uma nova organização intergovernamental para a qual nos é exigido transferir activos ilimitados dentro de sete dias a simples pedido, a uma organização que pode processar-nos mas é immune a todas as formas de processo e cujos administradores desfrutam da mesma imunidade. Não há revisores independentes e não existem leis a aplicar? Os governos não podem efectuar acções contra ele? Orçamentos nacionais nas mãos de uma única organização inter-governamental não eleita? Será isso o futuro da Europa? Será isso a nova UE – uma Europa destituída de democracias soberanas?

## O polvo Goldman captura o BCE

Em Novembro último, sem fanfarras e mal notado pela imprensa, Mario Draghi, o antigo executivo da Goldman, substituiu Jean-Claude Trichet como governador do BCE. Draghi não perdeu tempo a fazer para os bancos o que o BCE se havia recusado a fazer para os seus governos membros – despejar dinheiro sobre eles a taxas muito baratas. O bloguista francês Simon Thorpe informa:

Em 21 de Dezembro, o BCE "emprestou" 489 mil milhões de euros a bancos europeus à taxa extremamente generosa de apenas 1% em três anos. Digo "emprestou", mas na realidade eles apenas puseram as impressoras a funcionar. O BCE não tem esse dinheiro para emprestar. É *Quantitative Easing* mais uma vez.

O dinheiro foi devorado de forma virtualmente instantânea por um total de 523 bancos. É a loucura completa. O BCE espera que os bancos venham a fazer algo útil com ele – como emprestar o dinheiro aos gregos, os quais estão actualmente a pagar 18% nos mercados de títulos para obterem dinheiro. Mas não há absolutamente nenhuma condições adstritas. Se os bancos decidirem pagar bónus com o dinheiro, tudo bem. Ou podem simplesmente transferir todo o dinheiro para paraísos fiscais.

A juros de 18%, a dívida duplica em apenas quatro anos. É este oneroso fardo de juros, não a própria dívida, que está a paralisar a Grécia e outros países devedores. Thorpe propõe a solução óbvia:

Por que não emprestar o dinheiro directamente para o governo grego? Ou para o governo português, actualmente tendo de contrai empréstimos a 11,9%? Ou ao governo húngaro, actualmente a pagar 8,53%? Ou ao governo irlandês agora a pagar 8,51%? Ou ao governo italiano, o qual está a pagar 7,06%?

A objecção de reserva àquela alternativa é que o Artigo 123 do Tratado de Lisboa impede o BCE de emprestar a governos. Mas Thorpe raciocina:

O meu entendimento é que o Artigo 123 está ali para impedir governos eleitos de abusarem de Bancos Centrais ordenando-lhes que imprimam dinheiro para financiar gastos excessivos. Essa, dizem-nos, é a razão porque o BCE tem de ser independente de governos. OK. Mas o que temos agora é um milhão de vezes pior. O BCE está agora totalmente nas mãos do sector bancário. "Queremos 500 milhões de dinheiro realmente barato!!" dizem eles. OK, não há problema. Mário está aqui para acertar isso. E não é preciso consultar ninguém. No momento em que o BCE fez o anúncio, o dinheiro já havia desaparecido.

Se o BCE estivesse a trabalhar pelo menos sob a supervisão de governos eleitos teríamos alguma influência quando elegemos aqueles governos. Mas o grupo que agora tem as suas mãos encardidas nos instrumentos de poder agora está totalmente fora de controle.

A Goldman Sachs e os tecnocratas financeiros apossaram-se do navio europeu. A democracia saiu pela janela, tudo em nome da manutenção do banco central independente de "abusos" de governos. Mas o governo é o povo – ou deveria ser. Um governo eleito democraticamente representa o povo. Os europeus estão a ser ludibriados para abrir mão da sua querida democracia em favor de um perigoso banco de piratas financeiros, e o resto do mundo não fica muito atrás.

Ao invés de ratificar o draconiano tratado MEE [1], os europeus seriam mais avisados se revertessem o artigo 123 do tratado de Lisboa. Então o BCE poderia emitir crédito directamente para os seus governos membros. Alternativamente, governos da eurozona poderia restabelecer sua soberania económica pela ressurreição dos seus bancos centrais de propriedade pública e utilizá-los para emitir o crédito do país em benefício do país, efectivamente isento de juro. Isto não é uma ideia nova mas historicamente tem sido utilizada com muito bom efeito, na Austrália por exemplo através do Commonwealth Bank of Australia e no Canadá através do Bank of Canada.

Hoje a emissão de dinheiro e crédito tornou-se direito privado de rentistas vampiros, os quais estão a utilizá-lo para extrair o sangue vital de economias. Este direito precisa ser devolvido a governos soberanos. O crédito deveria ser um serviço público (*public utility*), distribuído e administrado para o benefício do povo.

19/Abril/2012

[1] O parlamento português ratificou o Tratado do MEE em 13/Abril/2012, com os votos favoráveis do PS, PSD e CDS.



## **MEE, o novo ditador europeu**

**Rudo de Ruijter**

**O tratado do MEE será tornado definitivo quando os Parlamentos dos 17 países da zona euro o tiverem ratificado. Espera-se que o façam entre esta data e 31 de Dezembro de 2011.**

### **O que é esta aberração?**

**Esta foi a minha primeira reacção quando vi este vídeo. Isso não é possível. Uma organização que pode esvaziar os cofres dos Estados quando lhe aprouver? Vivemos nós num país democrático? Para me certificar examinei os textos oficiais, ou seja, o tratado que estabelece o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE ou, na sigla em inglês, ESM).**

### **TREATY ESTABLISHING THE EUROPEAN STABILITYMECHANISM (ESM)**

**Podem-se aí encontrar facilmente os artigos mencionados no vídeo (a partir da página 19). Quanto ao resto do tratado, não consegui encontrar nada que limitasse este poder ditatorial. Ainda estou trémulo!**

**Mas como é que isso é possível no quadro dos tratados da União Europeia? Trata-se de uma extensão ilegal das competências da União! Investigando mais descobri que certas decisões foram tomadas discretamente e rapidamente a fim tornar "possível" este MEE.**

**Estou certo de que se políticos no nosso país quisessem criar um clube que tivesse a possibilidade de esvaziar os cofres do Estado quando quisessem e tão frequentemente quanto quisessem, eles não conseguiriam efectuar as alterações legais necessárias, nem mesmo em vinte anos! Mas a burocracia de Bruxelas conseguiu preparar os tratados a toda velocidade a fim de cometer este golpe de estado em 17 países simultaneamente!!!**



**Ministro Vítor Gaspar assina o tratado do MEE, em 11/Julho/2011.**

### **A CORRIDA DE FUNDO BRUXELENSE**

**Em 17 de Dezembro de 2010 o Conselho Europeu decidiu ser necessário um mecanismo de estabilidade permanente, para retomar as tarefas do Mecanismo Europeu de Estabilidade Financeira (EFSM, na sigla em inglês) e da Facilidade de Estabilização Financeira Europeia (EFSF, na sigla em inglês). Estas duas organizações foram montadas rapidamente,**

respectivamente em Maio e Junho de 2010, a fim de proporcionar empréstimos a países com demasiadas dívidas. Contudo, falta uma base legal a ambas as organizações.

Note-se desde já que estas duas organizações foram concebidas explicitamente para intervenções financeiras, mas que a emenda no Tratado sobre o funcionamento da União Europeia, para montar o MEE, permite igualmente o estabelecimento de outras organizações em campos de acção muito diferentes.

Esta emenda acontece em 25 de Março de 2011. Para evitar ter de organizar novamente referendos na Europa, eles utilizaram o artigo 48.6 do Tratado da União Europeia, o qual permite ao Conselho Europeu decidir modificações aos artigos do tratado – desde que elas não impliquem uma extensão das competências da União. (Tais decisões devem, contudo, ser ratificadas pelos Parlamentos nacionais, mas geralmente isso é apenas uma formalidade). A emenda consistiu num acréscimo de aparência inocente a um parágrafo do artigo 136. Em suma, este acréscimo estipula que "os países da UE que utilizam o euro são autorizados a estabelecer um mecanismo de estabilidade para salvaguardar a estabilidade da zona euro no seu conjunto". Aqui, já não se trata mais explicitamente da estabilidade financeira. Através desta emenda, também a repressão de tumultos, a vigilância de cidadãos vigilantes ou o combate contra qualquer outro elemento desestabilizador na zona euro poderão igualmente ser conferidos a novas organizações sob a bandeira da UE.

Por outras palavras, esta emenda constitui com certeza uma extensão das competências da UE. Contraria portanto o artigo 48.6 do Tratado da União Europeia. Contudo, nem um ministro, nem um Parlamento nacional manifestou descontentamento em relação a isso e em Bruxelas eles continuaram alegremente e rapidamente a montar o tratado do MEE.

Em 20 de Junho de 2011 os Parlamentos nacionais autorizaram que as tarefas do tratado do MEE fossem efectuadas pela UE e o Banco Central Europeu.

Em 11 de Julho de 2011 o tratado foi assinado. Embora a assinatura tenha sido anunciada posteriormente, na abertura de uma conferência de imprensa à qual assistiam dezenas de jornalistas, no dia seguinte não houve uma única manchete nos jornais (nem ao nível nacional, nem ao internacional) acerca da assinatura deste novo Tratado Europeu. Será pelo facto de Juncker o ter anunciado em francês... antes de prosseguir a conferência de imprensa em inglês? [NR]

Neste momento o tratado está à espera de ratificação pelos Parlamentos nacionais. Estas ratificações são aguardadas entre a presente data e 31 de Dezembro de 2011.

O tratado ainda não está em vigor e eles já falam na necessidade de elevar o capital de 700 mil milhões de euros (ou seja, 2.100 euros por cidadão da eurozona) para 1500 ou 2000 mil milhões, portanto duas a três vezes mais.

De acordo com o texto do tratado, este deveria entrar em vigor em Junho de 2013. Agora querem fazê-lo já em 2012.

Logicamente, pedirão aos Parlamentos que se apressem a ratificar o tratado. Na

**Alemanha o assunto já está em debate nestes dias. Aparentemente será preciso que se apressem: há cada vez mais alemães que acordam!**

**Se quisermos utilizar os últimos fiapos de democracia para impedir esta ditadura, devemos, a toda pressa, despertar o maior número de cidadãos possível e enviar tantas mensagens e cartas de protesto quanto possível a parlamentares, políticos e partidos políticos. Sentar e esperar que outros o façam é catastrófico no actual estado de coisas.**

**Se dispuser de contactos no estrangeiro, envie-lhes informações também. Na maior parte dos países euro nada ou quase nada se sabe sobre este assunto.**

**Naturalmente, não ajuda nada que o texto do tratado que Bruxelas disponibilizou na Internet esteja apenas em inglês. Exactamente 98,7% dos cidadãos da eurozona falam outras línguas! Não, não me diga que fizeram isso de propósito!**

**Quando um ditador se senta no seu trono, não se consegue removê-lo antes de 30 anos! Será que queremos deixar isso aos nossos filhos?**

[NR] No dia 13 de Outubro de 2011 o Conselho de Ministro português aprovou resolução para permitir a criação de bases na lei que vai instituir o Mecanismo Europeu de Estabilidade, que irá substituir a partir de 2013 o Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEEF). O comunicado emitido diz que "Esta decisão tem por objectivo alterar o Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia de forma a criar uma base jurídica para instituir o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE) destinado a permitir alcançar a estabilidade financeira da zona euro".

## **A dialéctica da guerra do mundo financeiro**

Ter, 14 de Agosto de 2012 09:20



**A dialéctica não é uma batata**

**Ana Paula Henriques, no ODiario.info**

**Está em curso uma luta de repercussões mundiais entre o polo imperialista americano e o polo imperialista europeu, encabeçado pela Alemanha. Essa luta manifesta-se no plano monetário no confronto entre o euro e o dólar. O capital financeiro norte-americano, estreitamente imbricado com o capital inglês, que os centros da guerra ideológica imperialista denominam “mercados”, ataca a UE e a sua moeda pelos “flancos”, os países mais fracos – Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Irlanda – tentando assim enfraquecer o centro do sistema.**

**Está em curso uma luta de repercussões mundiais entre o polo imperialista americano e o polo imperialista europeu, com a Alemanha à cabeça, luta essa que também se manifesta no plano monetário entre o euro e o dólar. O capital financeiro norte-americano estreitamente imbricado com o capital inglês, que os centros da guerra ideológica imperialista denominam “mercados”, ataca a UE e a sua moeda pelos “flancos”, os países mais fracos – Grécia, Portugal, Espanha, Itália e Irlanda – tentando com isso enfraquecer o centro do sistema. Esta rivalidade imperialista, determinada pela concorrência inelutável no capitalismo, não exclui, antes pressupõe, a sua união para tomar a “presa”. Tendo-se dela apoderado, segue-se a guerra de rapina, no seu sentido não-metafórico, pela partilha dos despojos da vítima indefesa, esfolada viva.**

**A crise, que aparece como restrita ao plano financeiro é, na sua essência, uma crise económica de sobreprodução e de excesso de capital na posse da oligarquia financeira. O capital tem uma necessidade genética de se reproduzir e tem a capacidade de o fazer na esfera da circulação. Foi então um fartar vilanagem de crédito ao consumo. Todos temos presentes as campanhas publicitárias ultra-agressivas vendendo crédito barato, as cartas enviadas pelos bancos com a oferta de cartões de crédito prontos para gastar, as urbanizações a crescer chamando os compradores com spreads apetitosos.**

**E porque é que os capitalistas não investem esses capitais na indústria? É que esta crise, que tem aparecido como crise financeira (também o sendo) é fundamentalmente uma crise económica de sobreprodução, de excesso de mercadorias para a procura solvente (1). Os capitais deixaram de ter taxas de lucro satisfatórias na produção material e desviaram-se para a área da circulação, neste caso para a especulação. Por esta razão (e também por outras, como o desaparecimento do socialismo e a industrialização maciça de grandes países com a utilização de mão-de-obra mais barata em outros locais do planeta) é que se verifica o fenómeno da desindustrialização e da terciarização da economia nos centros capitalistas mais antigos. No caso do nosso país, a adesão à CEE contribuiu determinantemente para isso. Aliás, a par do objectivo de destruir as conquistas do 25 de abril, enredando o país nas relações de produção capitalistas da Europa, abertamente confessado pelo Dr. Mário Soares, a adesão à CEE era de todo o interesse das potências capitalistas desenvolvidas da Europa, que assim alargavam o mercado para os seus produtos à custa da destruição do aparelho produtivo nacional. De resto, não foi outra senão esta a lógica da criação da CEE.**

**Por isso, é particularmente chocante o cinismo dos centros de difusão da ideologia burguesa quando dizem que as “dívidas” surgiram porque o povo viveu acima das possibilidades. O capital tudo fez para que as famílias populares se endividassem utilizando crédito para, à sua custa, continuarem a acumular lucros obscenos.**

**Agora que as massas trabalhadoras, exauridas dos seus rendimentos, empobrecidas, deixaram de poder pagar os créditos, são os mesmos do costume a não ficar a perder. Os Estados, esbulhando aqueles que aí produzem riqueza, os que trabalham e pagam todos os impostos – uma vez que os capitalistas e os banqueiros nada produzem e, sobretudo não pagam impostos – assumem como pública a dívida privada dos bancos e canalizam para eles todos os rendimentos disponíveis: as receitas do Estado, isto é, os impostos; as empresas públicas; os**

**fundos de pensões provisionados com o trabalho e esforço de gerações de trabalhadores. Reduzem os produtores à condição de escravos dos bancos, eles no presente e os seus filhos no futuro.**

**É interessante verificar que a crise que começou por se manifestar nos EUA, em 2008, com os créditos subprime e deixou milhões de americanos sem casa por não terem dinheiro para a pagar, manifesta a mesma sintomatologia em Portugal, com os milhares de casas entregues aos bancos pela mesma razão, e em Espanha, onde se diz existir 1 milhão de habitações por colocar.**

**A economia de casino, a especulação com os hedgefunds no seu centro, põe em circulação os chamados produtos tóxicos, créditos de duvidosa cobrança, dívidas impagáveis e outros produtos da engenharia financeira que têm valor apenas nominal, meros papéis que não correspondem a nenhuma riqueza criada (alguns especulam sobre riqueza que se presume vir a ser criada no que se denomina mercados de futuros) e se calcula atingirem um valor da ordem de 20 anos da produção mundial(2), tomou as rédeas da economia capitalista. Os grandes bancos e respectivos banqueiros, que fabricam estas “bolhas”, sabem bem que é isto que acontece e como acontece. Em tempos de vacas magras, estes oligopólios financeiros (os “mercados”) começam a exigir aos outros bancos o retorno dos capitais que lhes emprestaram, não em papéis, mas como “cash” fresquinho. Chegam as agências de notação financeira, propriedade dos oligopólios da finança e começam a atribuir notas à fiabilidade dos países mais vulneráveis. Quanto mais descem as notações mais sobe o juro que os Estados têm de pagar pelos empréstimos com que vão recapitalizar os bancos privados e pagar as suas (dos bancos) dívidas. E assim sucessivamente...**

**Os países europeus vítimas da “ajuda” imperialista são supervisionados por uma “troika”. Mas porque é que esta tropa de choque ocupacionista tem três componentes? Porque é que é um triunvirato e não um quadrunvirato, por exemplo? Atente-se: FMI compósito de capitais internacionais em que os EUA têm 17,8% de direito de voto, a Alemanha 5,99% e a França 4,5%(3); Banco Central Europeu em que a Alemanha detém 18,9% do capital e a França 14,22%(4); União Europeia, instituição política para supervisionar as decisões e garantir os interesses do bloco imperialista europeu no seu próprio território. Assim se “concertam” os interesses de todos e se divide a presa – leia-se Portugal, Irlanda, Grécia, Espanha, Chipre – segundo parâmetros de proporcionalidade. A Itália já é uma presa demasiado grande, há que medir bem o terreno.**

**Se tomarmos o recente exemplo da Líbia, podemos ver a NATO a tomar posições no norte de África. A NATO, enquanto aliança militar dos dois polos imperialistas, interveio principalmente com forças europeias – não só porque é preciso dividir as despesas, não só porque os EUA não podem aparecer sempre como os “maus da fita”, não só porque a participação no saque será rigorosamente (se um contendor não conseguir “vigiarizar” o outro) proporcional ao “investimento”, mas também porque a contradição interna implica que um não se ache ausente quando o outro está presente, isto é, um polo imperialista não pode deixar espaço livre ao outro. “A moeda tem duas faces”, “Não existe um teimoso sem outro”, são expressões vulgares que ilustram a unidade e luta dos contrários que a dialética descreve e explica.**

Entretanto, se o polo imperialista americano deseja enfraquecer a UE e a sua potência central, a Alemanha, fazendo guerra ao euro, está a obrigar a Europa a unir-se num superestado sob a batuta alemã, que dê suporte político às decisões que a Alemanha tem de impor ao resto da Europa para manter o euro, embora se saiba que a Alemanha alimenta outros interesses fora da Europa e fora do euro. Até que ponto a Alemanha ainda está interessada no euro, ou se sente com forças para suportar o euro nas actuais condições, ou procura outros caminhos e outras alianças é questão que mais à frente se verá.

A unidade entre os centros imperialistas da UE e o norte-americano, isto é, a unidade da burguesia ocidental, é absolutamente exemplar quando se trata de intensificar a exploração dos trabalhadores e dos povos. Há um coro de vozes dos dois lados do Atlântico celestialmente regidas e afinadas na defesa das medidas de “austeridade”, isto é, de medidas que empobrecem o povo, aumentem a exploração e engordem os oligarcas. Nisso, todo o capital está de acordo. Por toda a Europa, nos países endividados e nos países credores, nos países grandes e nos países pequenos, nos países do norte e nos países do sul, de ocidente a oriente, o capital tem uma única palavra de ordem – austeridade, atrás da qual esconde uma ofensiva global e geral contra os trabalhadores e os seus direitos, contra as massas exploradas para aumentar e intensificar a sua exploração.

É verdade que existe uma “crise”. Mais propriamente “duas” crises: a crise do capitalismo, aflito com a incapacidade de resolver os seus problemas que se agudizam, atolado nas areias movediças da sua existência. E há a “crise” dos trabalhadores, cuja pele o capital esfola para não soçobrar. Na realidade, só existem dois caminhos: ou o capitalismo é destruído como sistema, ou sairá desta crise com um menor número de oligopólios, cada um dispendo de mais gigantescas massas de capital – centralização e concentração capitalistas – para continuar a explorar a classe operária e as camadas laboriosas até que novas e mais profundas crises venham a surgir.

A verdade é que a “crise”, essa entidade quase incompreensível e todo-poderosa mas de quem todos sentem consequências, cuja natureza a todo o custo é escondida pela burguesia, tem sido concetualmente elaborada de forma científica no plano da propaganda (ao nível do cinismo das “armas de destruição maciça” do Iraque, ou da “falta de democracia” na Líbia, ou das “milícias do governo” da Síria) para se tornar o aríete contra as conquistas dos trabalhadores e dos povos europeus alcançadas após a II Guerra Mundial e a derrota do nazi-fascismo, na qual a União Soviética teve um papel determinante o que, por consequência, alterou a relação de forças mundial em favor dos trabalhadores e dos povos.

Há poucos meses, o mundo tomou conhecimento de que uma plêiade de dirigentes políticos e económicos na Europa eram oriundos do Goldman Sachs - um “Mercado” dos mais poderosos - e seus ex(?)-quadros: Cristine Lagarde, directora do FMI, Mário Monti, primeiro-ministro italiano designado, não eleito, Mário Draghi, presidente do BCE; talvez mais algum que não conheçamos ... É verdade, o Dr. António Borges, o tal que diz que não disse que tenha dito que era preciso baixar ainda mais os salários dos portugueses, conselheiro do governo para as privatizações!

Conhecendo a espalhafatosa vassalagem do nosso governo e do nosso Primeiro à Sra. Merkel, que prometeu à burguesia portuguesa uma fatiazinha do bolo; conhecendo a lei da dialética, a unidade e luta dos contrários, é caso para perguntar se o Dr. Borges é um aliado do Dr. Passos ou um “olheiro” da concorrência.

De qualquer forma essa não é a questão que mais interessa. O mais importante é a outra lei da dialética, a negação da negação. “A negação [...] é um resultado do desenvolvimento interno [dos fenómenos]. [...] os fenómenos são contraditórios e, desenvolvendo-se na base das contradições internas, criam condições para a sua própria eliminação e passagem a nova qualidade superior. A negação é precisamente a superação do velho na base de contradições internas, um resultado do autodesenvolvimento e do automovimento dos objectos e fenómenos. [...] o socialismo substitui o capitalismo em resultado da solução das contradições que são internamente inerentes ao regime capitalista. Estas contradições aprofundam-se e agravam-se, sendo solucionadas por meio da revolução socialista”(5). “Aos trabalhadores e aos povos do mundo está colocada como grande exigência do nosso tempo, a luta por profundas transformações sociais e económicas antimonopolistas e libertadoras, pela superação revolucionária do capitalismo e pela construção do socialismo como única, real e necessária resposta à profunda crise do sistema”(6).

Notas:

*1 Eis como o camarada Álvaro Cunhal descreve uma crise de sobreprodução capitalista. “A contradição entre a capacidade de produção e a capacidade de consumo não é resolúvel dentro do capitalismo. No capitalismo a utilização mais ampla das forças produtivas existentes leva a produção a exceder as possibilidades da sua venda. Cria-se então um ciclo vicioso: para produzir mais, seria necessário baixar os preços; para baixar os preços nas condições presentes seria necessário acumular menos; acumulando menos não se poderiam fazer inovações técnicas; não se fazendo tais inovações, produz-se mais caro; produzindo-se mais caro, vende-se menos; vendendo-se menos não se pode produzir mais. Solução fascista: aniquilem-se as pequenas empresas; elimine-se a sua quota na produção, entregue-se esta aos monopólios”. Rumo à Vitória, edições «A Opinião», Porto, 1975, p. 29.*

*2 Nunes, Avelãs, Uma leitura crítica da actual crise do capitalismo, separata do Boletim de Ciências Económicas, p.13 Coimbra, 2011.*

*3 <http://www.ecb.int/ecb/org/capital/html/in>*

*4 [http://en.wikipedia.org/wiki/Category:International\\_Monetary\\_Fund](http://en.wikipedia.org/wiki/Category:International_Monetary_Fund)*

*5 Afanássiev, V.G., Fundamentos da Filosofia, Edições Progresso, Moscovo, 1982, tradução para o português, pp. 112 e 113.*

*6 “A crise do sistema capitalista e a actualidade do socialismo”, comunicado do Comité Central do PCP, 27 de Outubro de 2008*

...

## **Guerra financeira não declarada**

Nelson Leal em Julho 27,2011

Vi, há pouco tempo, uma reportagem onde um ex-agente da CIA, ligado à área económica, explicava o modo como os EUA tratavam os países “que se portavam mal”. O dito senhor, John Perkins, trabalhou, durante muitos anos, na qualidade de “assassino económico”, num departamento estratégico da CIA. Contava ele: “Identificamos uma país com recursos que as nossas economias desejem, como o petróleo. Depois, conseguimos um enorme empréstimo para esse País, a partir do Banco Mundial. Mas o dinheiro não vem para esse país, mas sim, para as grandes corporações americanas, que constroem grandes projectos em infra-estruturas para aquele território”. Depois, vêem as consequências terríveis daqueles projectos na dívida pública, projectos que vão enriquecer ainda mais, os mais ricos e empobrecer, ainda mais, os mais pobres. Com esse pano de fundo, as autoridades americanas coagem o poder político alvo, a renegociar a dívida, apontando o petróleo como solução. Caso o estratagema não funcione, segue-se a fase dos “chacais”, que têm como missão, eliminar fisicamente os dirigentes não colaborantes e, se falharem também, esse objectivo, invadem militarmente o país recalcitrante, dourando a pílula da opinião pública, com o manto diáfano dos direitos humanos, como foi o caso referido do Iraque.

As guerras têm, por norma, objectivos estratégicos de natureza económica e sempre foram um excelente pretexto para grandes saltos económicos, seja por via das transformações tecnológicas decorrentes dos conflitos, seja pela necessidade da recuperação da economia e das infra-estruturas destruídas. E sempre foram fantásticas oportunidades para os grandes consórcios mundiais, seja na área da indústria do armamento, seja no mundo financeiro, ou seja lá de onde for...

Acontece que os conflitos, à medida em que a ciência progride, se vão tornando cada vez mais mortíferos e a tal ponto, que, hoje, se tornaria pírrica, uma qualquer guerra em que participassem as grandes potências. Mas a necessidade de um conflito alargado, torna-se incontornável para a sobrevivência do poder americano, face às insanáveis contradições em que o próprio sistema vigente se envolveu. O sistema capitalista é como uma panela de pressão, onde a tensão cresce, cresce, até que, se não houver uma válvula (guerra) de escape, explode. Como resolver, então, este problema?

As agências de rating são verdadeiros tentáculos do poder financeiro americano, sendo financiadas pelos grandes grupos financeiros mundiais. Como bons amigos do dono que são, sempre deram excelentes notas a quem lhes convinha (lembremo-nos da Lemman Brothers e outras, que, na véspera da crise de 2008, eram avaliadas como excelentes) e nunca beliscaram a gestão dos EUA, pese a sua imensa dívida e um deficit orçamental que ultrapassa os 8%. E montaram a sua estratégia: aos poucos, foram, baixando, nível atrás de nível, o crédito dos países periféricos e a tal ponto, que a sua dívida se ia tornando insustentável, com a Grécia na bancarrota, Portugal e Irlanda em estado comatoso e a Espanha, Grécia e Itália, nas urgências. Como no caso referido do agente americano, também foram as obras vultuosas, os compadrios e a corrupção larvar, que nos empurraram para o abismo. Vejam-se as políticas seguidas desde Cavaco Silva até José Sócrates e os seus resultados. Os países da chamada União Europeia, atados pelas pontas dos mesquinhos interesses nacionais, vêm assobiando para o lado, enquanto a crise,

orquestrada por aqueles tentáculos referidos, se vai acumulando. Hoje, é evidente para todos, que a moeda terá que se desvalorizar, para não morrer...

A guerra está instalada e as suas consequências são imprevisíveis. Provavelmente, catastróficas. ! Por isso, atada como está, a mesquinhos interesses nacionais, prevejo a cisão da Europa em duas, onde os chamados PIIGs terão que se juntar numa Europa do sul, fragilizada, moribunda, com outra moeda, mais competitiva, para que não se afundem. Enquanto isto, quem se vai afundando, é o povo!

## **UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE CRISES FINANCEIRAS**

**J. R. Nyquist**

**Um choque financeiro é mais que um problema económico. Ele conduz a um território político perigoso. Pode provocar revoluções. O choque financeiro nos anos 1780 levou à Revolução Francesa. A aflição financeira levou os Nazistas e militares japoneses ao poder antes da II Guerra Mundial. O choque financeiro pode causar um terramoto político. Um terramoto político, por sua vez, pode fazer uma revolução ressaltar, a guerra civil, ou até uma guerra mundial. Isto é o que a história ensina.**

**O choque financeiro leva o homem médio a desesperar-se. A calamidade financeira modifica a sua perspectiva política do desinteresse ao medo. E é uma oportunidade para políticos oportunistas, fanáticos e demagógicos. Estes não-de sempre tirar proveito do medo. A América é um país que gostou da prosperidade e isto contribuiu para a moderação política. As coisas mantêm-se bem enquanto a economia vai bem. Não sabemos, contudo, qual o efeito de um grande choque económico numa sociedade prospera mas etnicamente dividida com um envelhecimento população complementada por uma força de trabalho estrangeira rapidamente crescente.**

**Então teremos consequências internacionais e geopolíticas: a Europa está economicamente ligada à América. O dinheiro flui de um país ao outro e a preocupação financeira também. Esta semana o Banco Central Europeu chegou aos 130 biliões de dólares em fundos de emergência. Os mercados estão nervosos. A Europa está nervosa. Os preços imobiliários americanos estão caindo. Crescem as perdas ligadas às hipotecas dos Estados Unidos. A solução de baixar as taxas de juros nos Estados Unidos não é uma opção por causa de ameaças chinesas em afundar o dólar.**

**Num trabalho recente Ambrose Evans-Prichard diz que, a China ameaça com a 'opção nuclear' da venda de dólares, parecendo mais um alarme. A loucura do comércio com a China Comunista agudiza-se. O mesmo se pode dizer do comércio livre com todos aqueles países que não são realmente livres. Segundo Prichard, "o governo chinês começou uma campanha concertada de ameaças económicas contra os Estados Unidos, insinuando que pode liquidar as suas vastas participações do tesouro americano se Washington impõe sanções comerciais para forçar uma reavaliação do Yuan." Isto levaria quase certamente o dólar ao crash, com consequências devastadoras para a economia global. Os Chineses podem ditar efectivamente a política económica dos Estados Unidos. "Podemos destruir a vossa**

moeda," eles estão dizendo. "Nós temos essa opção. "

A ameaça chinesa lembra-nos do aviso recente de Presidente Russo Vladimir Putin. Falando em Munich no principio deste ano, Putin pareceu colocar de lado o poder económico dos Estados Unidos e da Europa, apontado para a subida de um novo bloco económico associado com a China. Segundo Putin, "O PIB combinado medido em poder de compra em paridade com países como a Índia e a China é já maior do que o dos Estados Unidos. E um cálculo semelhante com o PIB dos países BRIC – o Brasil, a Rússia, a Índia e a China – superam o PBI cumulativo da UE. E segundo os peritos esta diferença aumentará no futuro. "

Putin sente uma força crescente da sua posição gerada pela sua coligação com a China. A crise financeira nos Estados Unidos tem implicações geopolíticas. O poder militar é construído sobre fundamentos económicos. Por isso, o equilíbrio de poder pode ser derrubado. Não foi por acidente que a Rússia reduziu as suas participações americanas. O russo não é estúpido. Eles sabem que o dólar poderia cair a qualquer momento devido a um grande ataque terrorista, um mau mês na bolsa de Nova York etc. – qualquer coisa que você possa pensar. A posição financeira dos Estados Unidos é frágil. E esta fragilidade deve levar consequentemente a deslocações.

O ocidente não parece entender, até agora, que a emergente crise financeira não é simplesmente uma crise financeira. Em Beijing e Moscovo é visto como algo mais. É visto como a parte de uma sequência estratégica na qual o poder de Estados Unidos é eclipsado. É uma sequência que conduz a modificações globais maciças. Os Russos e os Chineses querem substituir América como poder militar e económico dominante do mundo. Eles querem transformar o sistema económico global, mas a transformação não será amistosa. O seu jogo não deve incorporar um sistema inclusivo em que "uma maré crescente levanta todos os barcos."

Neste jogo o seu triunfo vem às custas de todos os outros.

Comparando os sentimentos de Putin e dos líderes chineses com os de antigos líderes soviéticos e chineses, vemos que pouco tem modificado. Considere o texto da Estratégia Militar Soviética, publicada em 1963, que propõe a visão: "[em que] o capital monopolista americano agarrou as fontes básicas de matéria-prima, os mercados e esferas de investimento de capital: criou um império colonial sub-reptício e tornou-se maior o explorador internacional. O imperialismo americano hoje desempenha o papel de policia mundial, opondo-se a modificações democráticas e revolucionárias e agredindo povos que lutam por independência.

"[Estratégia Militar Soviética, p. 279 da tradução de Rand.]. Ouvimos esta velha linha Marxista-Leninista do Kremlin de Putin hoje.

Muitos dos que se opõem à guerra no Iraque conformaram-se com uma versão actualizada de retórica soviética. Eles não compreendem a falsidade essencial desta perspectiva totalitária, ou o perigo em avançar agora que a União Soviética já não existe supostamente.

Foram os Comunistas que disseram que uma revolução global começaria com uma crise financeira no mundo capitalista. Esta ideia está embutida no pensamento totalitário (inclusive pensamento fascista). Uma crise financeira rapidamente

torna-se numa crise política e uma crise política coloca em questão a ordem existente. Isto deixa a porta aberta a uma nova ordem, baseada em fanatismo e ódio. Isto, por sua vez, leva a uma mudança no equilíbrio global de poder.

Numa idade de armamento de destruição em massa temos de usar a nossa imaginação para entender o que tudo isso significa. Não é um processo pacífico, mas um processo apaixonado de erro e perturbação. A violência flui naturalmente de tal processo. Se o dólar do Estados Unidos cai parecerá como se o mundo tivesse enlouquecido. Possivelmente é tarde demais. Possivelmente a insanidade já está a caminho e não há nada que possamos fazer para pará-la.

## **GRANDE DESASTRE DE DINHEIRO**

"Minha criança e minhas crianças, rezem uma vigilante e constante oração. Guarde isto que vai em todas as partes dos Estados Unidos e todas das nações do mundo, porque há pouco tempo que reste. Logo, nos planos do Pai Eterno, Ele estabelecerá e permitirá que se abata sobre a humanidade, um grande desastre de dinheiro. Deste modo lhes comprovará que o desastre nos anos 1920, minhas crianças, foi como nada em comparação com o que acontecerá agora. Falo de uma grande depressão que cairá sobre a humanidade." Jesus, o primeiro de Outubro de 1988

## **DESTRUIÇÃO DOS SISTEMAS MONETÁRIOS MUNDIAIS**

"Você entenderá e transmitirá a mensagem ao mundo que haverá uma grande destruição nos sistemas monetários do mundo. Ele afectará tanto Estados Unidos como o Canadá, e todos os grandes poderes do mundo. E repito-me novamente: Você irá às suas lojas fazer as suas compras levando dinheiro que até podem ser também jornais, porque o valor que eles terão para comprar a comida será nada. "Como pode um grande país como os Estados Unidos cair, você pergunta, minha criança? Você pergunta-me no seu coração. Eu leio o seu coração. Eu lhe direi porquê. Porque eles se deram a Satã. Quando um país perdeu a sua moralidade e busca os prazeres da carne, dando-se eles mesmos a toda a maneira de abominações, como homossexualismo e os mais altos tribunais não condenando estas situações, então aquele país cairá." Nossa Senhora, o primeiro de Novembro de 1985

## **O MAL COMO UM POLVO**

"Há uma grande má força agora à volta do vosso mundo; ele parece-se com um polvo que estende a mão para pegar em cada direcção para apanhar numa armadilha o mundo. É uma força da maldade fundada por Satã. Há muitos braços do polvo controlado pelas somas de dinheiro do mundo. "Por amor ao dinheiro e às riquezas, muitos venderão as suas almas para tornarem-se importantes. Minhas crianças, o que adianta se você reunir todas das riquezas do mundo e destruir a sua alma? Quando você vem por cima do véu, e você virá por cima do véu, não trará nada de material. Você deve reunir as suas riquezas no Céu agora. Eles são sobrenaturais: as graças, os méritos que permitirão que você entre no reino do seu Deus." Nossa Senhora, 24 de Junho de 1976

...

## **MÃO-DE-OBRA**

"A Rússia também utilizará a mão-de-obra da China à medida que vão avançando. "Compreendo, minha criança, que esta mensagem tem um grande impacto emocional sobre você. Não tenha medo." Jesus, 26 de Março de 1983

## **ACTO COSMÉTICO PARA ILUDIR**

"Asseguro-vos, minhas crianças, não há nenhuma liberdade na Rússia. É tudo uma ilusão. "Eles buscam somas de dinheiro do mundo de todas as nações do mundo. E por que você não aprende a lição? Aconteceu no tempo de Lenin; aconteceu no tempo de Stalin. E lá estão todos no mesmo caminho, prontos para dar bilhões de somas de dinheiro que devem ser dadas àqueles da sua nação e as nações livres do mundo.

"Não sejam enganadas, minhas crianças, a Rússia não é gratuita. É um acto cosmético para iludir. Lenin e Stalin usaram as mesmas tácticas, minhas crianças. Por que não aprendem com os vossos erros?" A Nossa Senhora, 18 de Junho de 1992

## **III GUERRA MUNDIAL**

"Dia a dia o homem está matando. Muitos países serão enredados em guerras, até que tenhamos a maior guerra alguma vez vista, ou que será vista novamente, a Terceira Guerra Mundial, que engolfará as nações. E muitas nações desaparecerão da força dos armamentos que estão sendo reunidos agora em todas as partes da Rússia. "Sim, A minha criança, não importa como o mundo reage à verdade, você o gritará dos telhados que a Rússia não aceitou nenhuma abertura de Roma. A menos que a Rússia possa ser consagrada ao Coração Imaculado de Jesus e Maria, a menos que eles reconheçam a verdade, eles continuarão indo em todo o mundo semear sementes de discórdia, descontentamento, e guerra. Você sabe, As minhas crianças, aquela guerra é uma punição pelos pecados de homem, mas também, a guerra é uma indicação da perda do conhecimento do Deus." Nossa Senhora, Agosto 21, 1985

## **AJUNTAMENTO NA PALESTINA**

Verónica – E oh, oh! E pelo topo do campanário, vejo o São Francisco lá adiante, por – em cima da igreja está São Francisco. Oh, e ele está buscando este pássaro; Ele está mantendo o pássaro na sua mão, o pássaro. O pássaro parece estar morto; está muito fraco. E São Francisco agora está colocando a sua mão por cima do pássaro. Não, ele está se sentando em cima da mão de São Francisco, e São Francisco está apontando, ao lado direito. Ele quer que eu dê uma olhada no lado direito. Ele oh, vejo. Ele está apontando, e por cima do lado direito é um mapa. E ele disse que a paz também será negada as áreas mostradas. Oh, querido! Posso ver o Egito, e vejo, oh, a Ásia. Oh, vejo muita gente lá; eles estão marchando todos. Eles parecem, são parecidos com os chineses... Chinês. E oh, eles estão

preparando-se para a guerra. Eles têm todos esses tanques... todos esses tanques. E eles estão marchando todos, os exércitos; há um lote inteiro deles. Há tantos deles! Muitos deles parecem crianças jovens, mas há tantos deles. Oh!

E Nossa Senhora disse:

"Eles estão reunindo a sua força."

Verónica – Eu sei, isto é a China, e todos esses países amarelos. Nossa Senhora – Ela está escrevendo "Y-E-L-L-O-W" no topo, directamente por cima do mapa lá. E oh, parece que eles estão preparando-se para uma guerra terrível ou algo. Eles, sim, eles estão marchando todos. Oh, oh. Eles são todos vestidos de igual; eles são muito, muito... Oh, há mulheres, também. Há mulheres, também, que estão marchando com eles, e as meninas – as meninas parecem muito jovens; elas parecem muito jovens. Oh! Oh! Oh, agora por cima deles eu vejo oh-oh... oh, é a Rússia! Vejo que a Rússia agora está falando. Oh, eles estão numa grande escrivaninha, uma escrivaninha bastante grande. E isto... umh! Na escrivaninha posso ver... sei que ele é o russo. Mas sentado ao lado dele... parece alguém que vi antes,... Não sei... parece quase o Sr. Kissinger... Não sei. Mas ele está sentando-se na escrivaninha também e parece que eles estão planejando; eles estão falando sobre... armas ou suporte. Penso está indo haver algo que continua. E a Rússia está indo a... parece que eles estão indo lutar. Eles estão indo lutar oh, é o Egipto. Penso que eles estão indo ir à guerra contra o Egipto e África. E oh! E logo Nossa Senhora disse: Nossa Senhora – "Reunindo na Palestina. Reunião na Palestina." – Nossa Senhora, 30 de Maio de 1973

## GUERRA FINANCEIRA PARA PILHAGEM DE PAÍSES E CIDADÃOS



A pilhagem da riqueza dos países pelos grandes bancos e corporações internacionais, o Banco Mundial e o FMI.

A estratégia dos grandes bancos e corporações internacionais, do Banco Mundial e do FMI de pilhagem da riqueza dos países é concretizada, principalmente, através da criação de dívidas soberanas (dívidas dos estados) impagáveis, as quais acabam por obrigar os estados a realizar dinheiro, para o pagamento das suas dívidas, através da privatização (venda aos "investidores do mercado") de todo o património público dos países que possa gerar lucros.

Por exemplo:

- a) Os transportes aéreos (TAP - Transportes Aéreos Portugueses e ANA - Aeroportos de Portugal);
- b) Os transportes ferroviários (CP - Comboios de Portugal e em estudo a REFER - Rede Ferroviária Nacional);
- c) Os transportes rodoviários (Carris e STCP);
- d) Os metropolitanos (Metro de Lisboa);
- e) A electricidade (EDP - Electricidade de Portugal e REN - Redes Energéticas Nacionais);
- f) A água (Águas de Portugal);
- g) O gás e outros combustíveis (GALP);
- h) As comunicações e telecomunicações (Portugal Telecom e CTT - Correios de Portugal);
- i) A comunicação social (RTP - Rádio e Televisão de Portugal (Televisão Pública, Antena 1, 2 e 3) e LUSA - Agência de Notícias de Portugal);
- j) Campos petrolíferos (não há no caso português, ou melhor, os campos existentes ainda não foram considerados economicamente viáveis para serem explorados);
- k) Minérios (já foram concessionadas ao "capital estrangeiro", anteriormente, todas as minas rentáveis portuguesas)

As cerejas em cima deste grande bolo são as seguintes:

- a) As privatizações são feitas a preços inferiores ao valor real das empresas devido ao facto destas vendas serem forçadas. Além disso, para ajudar a baixar ainda mais o preço de venda das empresas, as agências de notação financeira Moody's, Standard & Poor's e Fitch (controladas pelos grandes bancos e corporações internacionais) têm piorado sucessivamente a notação destas empresas. Este negócio de privatização é obviamente prejudicial para o interesse público;
- b) O aumento exigido do preço ao consumidor dos serviços a privatizar (electricidade, gás, água, transportes, etc.) serve para garantir que as empresas a privatizar possam vir a dar lucros;
- c) A diminuição generalizada dos salários em resultado do aumento brutal do desemprego e das medidas administrativas de contenção das actualizações salariais face à inflação, garante maiores lucros em resultado da diminuição dos custos de produção;
- d) O controlo total da comunicação social dos países nas mãos dos privados (grandes corporações internacionais) facilitará futuras pilhagens sem que os cidadãos se apercebam da situação;
- e) O controlo total das comunicações dos países (em especial a Internet) nas mãos dos privados (grandes corporações internacionais) juntamente com controlo total da comunicação social permitirá às grandes corporações internacionais o controlo total da informação a que os cidadãos terão acesso. A título de exemplo, veja-se o caso de França, onde Sarkozy conseguiu a aprovação de uma lei que permite às empresas fornecedoras de acesso à Internet a capacidade de cortar o acesso à Internet a qualquer cidadão ou entidade colectiva com base em denúncias

de "downloads ilegais", sem ser necessária uma ordem judicial para o efeito (ver nota 2).

Nota 1 - Convém chamar a atenção para o facto de que, desde há vários anos, as empresas privadas "portuguesas", que operam nestas áreas, têm vindo a ser compradas pelo chamado investimento estrangeiro (grandes bancos e corporações internacionais), graças à globalização e, em particular, à livre circulação de capitais imposta a todos os países.

Nota 2 – A lei de Sarkozy é justificada oficialmente pela necessidade de defender os direitos de autor e impedir as cópias piratas via Internet. Porém, em termos práticos, quando o utilizador da Internet transfere um ficheiro digital (contendo uma música, uma fotografia, um livro, uma apresentação de PowerPoint, um vídeo do YouTube, etc.) por qualquer via (downloads, messenger, e-mail, aplicações específicas, etc.), a maior parte das vezes, não sabe nem pode saber se o conteúdo está protegido por direitos de autor, ou se o pagamento do download cobre os direitos de autor. Quem disponibiliza na Internet ficheiros digitais para venda ou para partilha é que sabe se os seus conteúdos estão sujeitos ou não a direitos de autores. Portanto, não é o consumidor final dos ficheiros digitais que é responsável pela pirataria. Assim, torna-se claro, que o objectivo final e encoberto da lei de Sarkozy é o de permitir o corte discricionário do acesso à Internet aos cidadãos ou entidades colectivas "perigosos" para o sistema.

As "ajudas" do FMI (os chamados resgates) para que os países possam honrar o pagamento das suas dívidas são, na prática, uma forma de endividar ainda mais os países que se encontram já muito endividados, pelas seguintes razões:

a) As "ajudas" são, nada mais nada menos, que novos empréstimos com juros (agiotas), que serão utilizados para pagar os empréstimos já existentes. Ou seja, os países endividados, além de manterem as dívidas anteriores impagáveis, acumulam, com estas "ajudas" mais dívidas!

b) As exigências do FMI de privatização da maior parte da riqueza pública, tornam os países endividados em países mais pobres!

c) As medidas impostas de austeridade sufocam a economia dos países endividados, o que implica a redução da produção de riqueza e consequentemente tornam esses países ainda mais pobres!

d) As exigências do FMI em reduzir os direitos dos trabalhadores, quer ao nível do código do trabalho, quer ao nível dos apoios sociais, mais o aumento do desemprego decorrente das medidas de austeridade, implicam o empobrecimento geral da maioria da população, o qual, por sua vez implica um menor consumo, logo, acaba por se produzir menos riqueza nos países "ajudados"!

Em suma, as "ajudas" do FMI "enterram" ainda mais os países endividados!

A pilhagem dos recursos (materiais, financeiros e laborais) dos países não é feita, desta vez, através de uma guerra militar, mas sim é feita, subtilmente, através de uma guerra financeira, com o conluio de muitos governantes e "peritos" (políticos, economistas, e jornalistas) e com a colaboração inconsciente dos restantes governantes e de quase todos os restantes peritos, nos países saqueados.

## Citação

**Toda verdade atravessa 3 fases:**

**Na 1ª fase – É ridicularizada;**

**Na 2ª fase – É violentamente contrariada;**

**Na 3ª fase – É aceite como a própria prova.**

Arthur Schopenhauer (1788-1860), filósofo alemão

...

## GUERRA FINANCEIRA

Michel Chossudovsky [✱]

*"As práticas dos cambistas sem escrúpulos estão sob acusação no tribunal da opinião pública, repudiadas pelos corações e pelas mentes dos homens" (Discurso de Abertura de Franklin D. Roosevelt, 1933)*



A humanidade vive, na era posterior à Guerra Fria, uma crise económica a uma escala sem precedentes que leva ao empobrecimento acelerado de grandes sectores da população do mundo. A queda virtual das moedas nacionais em todas as regiões do mundo contribuiu para desestabilizar as economias nacionais enquanto precipita países inteiros para uma pobreza desastrosa.

A crise não se limita ao Sudeste Asiático nem à ex União Soviética. O colapso no nível de vida começa a ocorrer, de forma abrupta e simultânea num grande número de países. Esta crise mundial de finais do século XX é mais devastadora que a Grande Depressão dos anos 30. Tem profundas implicações geopolíticas: A deslocação económica foi acompanhada também pela irrupção de conflitos regionais, pela ruptura de sociedades nacionais, e nalguns casos, pela destruição de países inteiros. É, de longe, a mais séria crise da história moderna.

A existência de uma "crise financeira global" é negada de forma ágil pelos média ocidentais, os seus impactos sociais são desvalorizados ou deformados; as instituições internacionais, incluindo as Nações Unidas, negam a crescente maré de pobreza do mundo: " O progresso na redução da pobreza durante os (finais do) Século Vinte é notável e sem precedentes...". O " consenso" é que a economia ocidental está "saudável" e as "correções de mercado" em Wall Street devem ser largamente atribuídas à "gripe asiática" e à difícil "transição" da Rússia "para uma economia de mercado livre".

### EVOLUÇÃO DA CRISE FINANCEIRA GLOBAL

A queda dos mercados das moedas asiáticas (iniciada em meados de 1997) foi acompanhada em outubro de 1997 pela dramática fusão das maiores bolsas do mundo. No incerto despertar da recuperação temporária de Wall Street em princípios de 1998, estimulada sobretudo pela explosão dos mercados de valores e

financeiros do Japão, voltou a cair, meses mais tarde para atingir um novo momento crucial em agosto com a espectacular caída em picado do rublo russo. O Dow Jones caiu 554 pontos a 31 de Agosto (a sua maior queda na história da bolsa de Nova York) conduzindo, em Setembro à dramática fusão dos mercados de valores de todo o mundo.

Em poucas semanas (desde o pico de 9337 do Dow Jones a meados de Julho) evaporaram-se 2300 mil milhões de dólares de "ganhos sobre o papel" do mercado de valores dos Estados Unidos. A queda livre do rublo tinha levado os maiores bancos comerciais de Moscovo à falência, conduzindo a uma potencial absorção do sistema financeiro russo por um punhado de bancos e correctores de bolsa ocidentais. Por outro lado, a crise criou o perigo de uma insolvência aos credores ocidentais de Moscovo, incluindo os bancos Deutsche e Dresdner.

Desde o principio das reformas macro-económicas da Rússia, depois da primeira injeção da "terapia de choque" do FMI em 1992, confiscaram-se (através dos programas de privatização e falências forçadas) e transferiram-se para as mãos de capitalistas ocidentais uns 500 mil milhões de dólares de activos russos — incluindo fábricas do complexo militar-industrial, infraestruturas e recursos naturais. No brutal período subsequente à Guerra Fria, está a desmantelar-se todo um sistema económico e social.

## **GUERRA FINANCEIRA**

A corrida desenfreada, a nível mundial, pela apropriação de riquezas através da "manipulação financeira" é a força por detrás desta crise. É também a fonte de agitação social e de devastação social. Segundo o conhecido especulador de divisas e milionário George Soros (que teve US\$ 1,6 mil milhões de ganhos especulativos com a dramática queda da libra inglesa em 1992) "a extensão do mecanismo de mercado a todos os terrenos tem o potencial de destruir a sociedade".

Esta manipulação das forças de mercado pelos actores poderosos constitui uma forma de guerra financeira e económica. Não é necessário recolonizar territórios perdidos ou enviar exércitos invasores. Nos finais do século vinte, a "conquista de nações" directa, significando o controle sobre os activos produtivos, a mão de obra, os recursos naturais, pode ser realizada de forma impessoal a partir da sala de direcção de uma corporação: as ordens são enviadas através de um computador ou pelo telemovel. Os dados pertinentes são transmitidos instantaneamente aos principais mercados financeiros — resultando frequentemente em disrupções imediatas no funcionamento das economias nacionais.

"A guerra financeira" também adopta instrumentos especulativos complexos, incluindo toda a gama do comércio de derivados, transações de futuros de comércio externo, fundos indexados, etc. Utilizaram-se instrumentos especulativos com o fim último de capturar a riqueza financeira e de adquirir o controle sobre os activos produtivos. Nas palavras do primeiro ministro da Malásia, Mahathir Mamad: "Esta desvalorização deliberada da moeda de um país pelos especuladores com divisas, unicamente para obter ganhos, é a negação dos direitos das nações independentes".

A apropriação da riqueza global pela manipulação das forças do mercado é regularmente apoiada pelas letais intervenções macro-económicas do FMI que actua quase simultaneamente no transtorno desapidado das economias nacionais em todo o mundo. "A guerra financeira" não conhece fronteiras territoriais; não limita as suas acções a encurralar antigos inimigos da era da Guerra Fria. Na Coreia, na Indonésia e na Tailândia, os cofres dos bancos centrais foram saqueados por especuladores institucionais enquanto as autoridades monetárias tentavam em vão reforçar as suas debilitadas moedas. Em 1997, mais de 199 mil milhões de dólares das reservas de divisas da Ásia foram confiscadas e transferidas, no espaço de poucos meses, para mãos privadas do sector financeiro. Com o andamento das desvalorizações monetárias, as receitas reais e o emprego precipitaram-se virtualmente em poucas horas, conduzindo à pobreza maciça países que tinham conseguido alcançar um progresso económico e social significativo no período do pós guerra.

A trapaça financeira no mercado das divisas estrangeiras desestabilizou as economias nacionais, criando assim as condições prévias para a pilhagem posterior dos activos produtivos dos países asiáticos pelos chamados "investidores abutres estrangeiros". Na Tailândia, 56 bancos e instituições financeiras domésticas, foram fechadas por ordem do FMI e o desemprego aumentou virtualmente de um dia para o outro. De forma semelhante, na Coreia, a "operação de resgate" do FMI lançou uma cadeia letal de falências que conduziram ao encerramento directo dos "bancos comerciais aflitos".

Como resultado da "mediação" do FMI (realizada em Dezembro de 1997, depois de consultas ao mais alto nível com os maiores bancos comerciais e mercantis do mundo) "fecharam-se uma média de mais de 200 companhias por dia (...) 4000 trabalhadores foram lançados para a rua na qualidade de desempregados". Como resultado do congelamento de créditos e do "fecho instantâneo de bancos", em 1998 esperavam-se umas 1500 falências, incluindo 90 por cento das empresas de construção da Coreia (com dívidas combinadas de 20 mil milhões de dólares às instituições financeiras domésticas).

O Parlamento da Coreia do Sul transformou-se num "órgão de referendun". A validação de leis é forçada através da "chantagem financeira": se a legislação não é rapidamente aprovada, de acordo com os prazos do FMI, os pagamentos do compromisso seriam suspensos, com o perigo de uma nova especulação monetária. Por outro lado, o "programa de saída" patrocinado pelo FMI (ou seja, falências forçadas), contribuiu deliberadamente para fragmentar os "chaebols" que são convidados agora a estabelecer "alianças estratégicas com empresas estrangeiras" (o que pode significar o seu eventual controle pelo capital ocidental).

Com a desvalorização, o custo da mão-de-obra coreana também ruiu: "É agora mais barato comprar uma destas empresas (de alta tecnologia) do que comprar uma fábrica — e você recebe grátis toda a distribuição, o reconhecimento da marca e a mão-de-obra especializada"...

## **A MORTE DOS BANCOS CENTRAIS**

Em muitos sentidos, a crise mundial assinala o definhamento dos bancos centrais,

o que significa a diminuição da economia nacional, assim como a incapacidade do estado nacional de controlar a criação de moeda por mandato da sociedade. Por outras palavras, as reservas de moeda em mãos privadas de "especuladores institucionais" excedem amplamente as limitadas capacidades dos bancos centrais do mundo. Estes bancos, actuando individual ou colectivamente, já não podem combater a maré de actividade colectiva. A política monetária está nas mãos dos credores privados, que tem a capacidade de congelar orçamentos do Estado, paralisar os processos de pagamentos, frustrar o pagamento regular de salários a milhões de trabalhadores (como na ex União Soviética), e precipitar o colapso de programas sociais e de produção.

Enquanto a crise se aprofunda, os ataques especulativos contra os bancos centrais estendem-se à China, à América Latina e ao Médio Oriente, com consequências económicas e sociais devastadoras. Esta contínua pilhagem das reservas dos bancos centrais, no entanto, não se limita, de forma nenhuma, aos países em vias de desenvolvimento. Também afectou vários países ocidentais incluindo o Canadá e a Austrália, onde as autoridades monetárias não foram capazes de parar o declínio das suas moedas nacionais. No Canadá, como resultado dos ataques especulativos, fizeram-se empréstimos no valor de milhares de milhões de dólares recorrendo a financistas privados para sustentar as reservas do banco central. No Japão — onde o yen caiu para níveis muito baixos — vê-se "o panorama coreano" (segundo o economista Michael Hudson), como um "ensaio geral" para a apropriação do sector financeiro japonês, por uma série de bancos de investimento ocidentais.

Entre outros, os grandes jogadores são Goldman Sachs, Morgan Stanley, Deutsche Morgan Gruenfell, que estão a comprar os empréstimos insolventes dos bancos japoneses a menos de 10 por cento do seu valor nominal. Nos últimos meses, tanto o secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Robert Rubin, como a secretária de Estado Madeleine K Albright, exerceram pressão política sobre Tóquio insistindo "em nada menos que uma adjudicação imediata dos maus bancos do Japão — de preferencia a "investidores rapaces" estadunidenses e outros estrangeiros, a preços de emergência. Para atingir os seus objectivos, estão inclusive a pressionar o Japão para que rescree a sua constituição, reestruture o seu sistema político e o seu governo e reconstrua o seu sistema financeiro. Quando os investidores estrangeiros tiverem o controle dos bancos japoneses, estes bancos começarão a apoderar-se da industria nipónica..."

## **CREDORES E ESPECULADORES**

Os principais bancos e agentes da bolsa de todo o mundo são ao mesmo tempo credores e especuladores institucionais. No actual contexto, contribuem (através dos seus assaltos especulativos) para desestabilizar as moedas nacionais, aumentando assim o volume de dívidas denominadas em dólares.

Reaparecem então como credores para cobrar essas dívidas. Por fim, são convocados como "conselheiros de política" ou como consultores de "programas de bancarrota" patrocinados pelo FMI e pelo Banco Mundial, dos quais eles são os beneficiários finais. Na Indonésia, por exemplo, no meio dos distúrbios de rua e após a renúncia de Suharto, a privatização de sectores chave da economia indonésia ordenada pelo FMI foi confiada a oito dos maiores bancos comerciais do

**mundo, incluindo a Lehman Brothers, Crédit Suisse-First Boston, Goldman Sachs e UBS/SBC Warburg Dillon Read.**

**Os maiores gerentes de moeda do mundo, incendeiam os países e depois são chamados como bombeiros (sob o "plano de resgate" do FMI) para extinguir o fogo. Por fim são eles que decidem quais as empresas a serem fechadas e quais a serem leiloadas a investidores estrangeiros a preços de liquidação.**

...

## **QUEM FINANCIA OS RESGATES DO FMI?**

**Sob repetidos ataques especulativos, os bancos centrais asiáticos haviam pactuado uma série de contratos multimilionários (no futuro mercado de divisas) numa vã tentativa de proteger a sua moeda. Com o esgotamento total das suas reservas de moeda dura, as autoridades monetárias viram-se obrigadas a pedir empréstimos de grandes somas de dinheiro através do acordo de resgate do FMI. Seguindo um esquema concebido durante a crise mexicana de 1994-5, o dinheiro para um resgate, no entanto, não se destina a "resgatar o país", na prática o dinheiro nunca entrou na Coreia, nem na Tailândia, nem na Indonésia, destinou-se a reembolsar os "especuladores institucionais", para se ter a certeza de que poderiam cobrar o seu multimilionário botim. Por sua vez, os tigres asiáticos foram domesticados pelos seus amos financeiros. Transformados em cordeiros, foram "encurralados" para que pagassem os juros dessas imensas dívidas em dólares até meados do terceiro milénio.**

**Mas, "de onde veio o dinheiro" para financiar essas operações multimilionárias? Só uma pequena parte vem dos recursos do FMI. Começando com o resgate mexicano de 1995, apelou-se aos países do G7, inclusive ao Tesouro dos Estados Unidos para que fizessem grandes contribuições de somas globais para estas operações de resgate patrocinadas pelo FMI, o que levou a aumentos consideráveis nos níveis da dívida pública. Mas, numa jogada irónica, a emissão da dívida publica dos Estados Unidos para financiar os resgates é avalizada e garantida pelo mesmo grupo de bancos comerciais de Wall Street envolvidos nos assaltos especulativos.**

**Por outras palavras, aqueles que garantem a emissão da dívida pública (para financiar o resgate) são os mesmos que no final das contas se apoderam do botim (por exemplo como credores da Coreia ou da Tailândia) ou seja são os beneficiários finais do dinheiro do resgate (o que essencialmente constitui uma "rede de segurança" para o especulador institucional). As amplas quantidades de dinheiro concedidas com os pacotes de resgate têm a finalidade de permitir aos países asiáticos o cumprimento das suas obrigações de dívida com as mesmas instituições financeiras que, para começar, contribuíram para precipitar a quebra das suas moedas nacionais. Como resultado deste circulo vicioso, um punhado de bancos comerciais e correctores de bolsa enriqueceram para além de qualquer limite; e também aumentaram o seu domínio sobre os governos e sobre os políticos de todo o mundo.**

## **UMA FORTE MEDICINA ECONÓMICA**

Desde a crise mexicana de 1994-5, o FMI tem tido um papel crucial na criação do "ambiente financeiro", no qual os bancos e os gerentes de divisas globais, conduzem os seus ataques especulativos. Os bancos globais anseiam por conseguir acesso a informações privilegiadas. Os ataques especulativos com êxito requerem a implementação simultânea, por sua conta de "uma medicina económica forte" sob os acordos de resgate do FMI. Os "seis grandes" dos bancos comerciais de Wall Street (incluindo o Chase, Bank America, Citicorp e J.P. Morgan) e os "cinco grandes" dos bancos mercantis (Goldman Sachs, Lehman Brothers, Morgan Stanley e Salomon Smith Barney), foram consultados sobre as cláusulas a serem incluídas nos acordos de resgate. No caso da dívida a curto prazo coreana, as maiores instituições de Wall Street foram convocadas no dia de Natal (24 de Dezembro de 1997), para conversações de alto nível no Banco da Reserva Federal de Nova Iorque. Os bancos globais têm um interesse directo no declínio das moedas nacionais.

Em Abril de 1997, apenas dois meses depois do princípio da crise monetária asiática, o Instituto de Finanças Internacionais (IFI), um *think tank* com base em Washington que representa os interesses de uns 290 bancos e correctores de bolsa globais, havia "instado às autoridades nos mercados em vias de desenvolvimento a que se opusessem às pressões de aumento das taxas de cambio onde fosse necessário...". Esta petição (comunicada numa carta formal ao FMI, assinala em termos que não deixam lugar a dúvidas, que o FMI deveria propiciar um ambiente no qual fosse permitido que as moedas nacionais declinassem). O FMI ordenou à Indonésia que libertasse a sua moeda apenas três meses antes da dramática queda da rúpia.

Segundo o multimilionário e candidato presidencial estadunidense Steve Forbes: "o FMI precipitou a crise? Esta agencia propicia a abertura e a transparência das economias nacionais, mas rivaliza com a CIA a escurecer as suas próprias operações. Teve, por exemplo, conversações secretas com a Tailândia, advogando a favor da desvalorização que provocou instantaneamente a catastrófica cadeia de acontecimentos?" (...) As prescrições do FMI, exacerbaram a doença? As moedas destes países caíram a níveis absurdamente baixos".

## DESREGULAÇÃO DOS MOVIMENTOS DE CAPITAIS

As regras internacionais que regulam os movimentos de dinheiro e de capitais (através das fronteiras internacionais) contribuem para determinar "os campos de batalha financeiros nos quais os bancos e os especuladores travam os seus ataques mortíferos. Na sua campanha mundial para se apropriar de riquezas económicas e financeiras, os bancos globais e as corporações internacionais, pressionaram activamente para a desregulamentação total dos fluxos de capitais internacionais, incluindo o movimento de dinheiro "quente" e "sujo".

Cedendo a estas exigências (depois de apressadas consultas com os ministros de finanças do G7), o comité interino do FMI adoptou um veredicto final para liberalizar os movimentos de capitais, em Abril de 1998. O comunicado oficial revelou que o FMI procederá a uma Emenda dos seus Artigos a fim de "converter a liberalização dos movimentos de capital, um dos propósitos do Fundo e estender, na medida em que seja necessário, a jurisdição do Fundo com este fim". O director geral do FMI, Sr. Michael Camdessus, no entanto, concedeu, num tom

desapaixonado que "uma quantidade de países em vias de desenvolvimento podem sofrer ataques especulativos depois de abrir a sua conta de capitais" enquanto reiterava (ad nauseam) que isto pode ser evitado mediante a adopção de "políticas macro-económicas saudáveis e sistemas financeiros fortes, nos países membros". (por exemplo a "cura económica para o desastre", padrão do FMI).

A decisão do FMI de liberalizar os movimentos de capitais, foi adoptada à porta fechada (convenientemente escondida dos olhos do público e com pouca cobertura jornalística) apenas duas semanas antes de grupos de cidadãos de todo o mundo se reunissem, em finais de Abril de 1998, em manifestações de massas em Paris em oposição ao controverso Acordo Multilateral sobre Inversões (AMI) sob os auspícios da OCDE. Este acordo teria concedido direitos caucionados aos bancos e às corporações multinacionais, anulando as leis nacionais sobre inversões estrangeiras e anulando os direitos fundamentais dos cidadãos.

## O AMI

Constitui um acto de capitulação da parte dos governos democráticos frente aos bancos e às corporações multinacionais. O momento escolhido era certamente o apropriado: enquanto a aprovação do AMI tinha chegado, provisoriamente, a um ponto morto, a desregulamentação das inversões estrangeiras proposta através de um caminho mais expedito, fora oficialmente lançada: a Emenda dos Artigos derogaria, para todo e qualquer propósito prático, os poderes dos governos nacionais para regular a inversão estrangeira. Anularia também os esforços dos cidadãos de todo o mundo contra o AMI: lograr-se-ia a desregulamentação da inversão estrangeira ("de uma tacada") sem necessidade de um complicado acordo multilateral sob os auspícios da OCDE ou da OMC, e sem o aborrecimento legal de um tratado global de investimentos baseado na lei internacional.

## CRIANDO UM GUARDIÃO FINANCEIRO GLOBAL

Enquanto se desenvolve a agressiva corrida pela riqueza global, e a crise financeira atinge alturas perigosas, os bancos e os especuladores internacionais estão ansiosos por ter um papel mais directo na formação de estruturas financeiras que lhes sejam vantajosas, assim como estão ansiosos por "controlar" no âmbito de país. Os conservadores do mercado livre nos Estados Unidos (associados ao partido republicano), culpam o FMI pela sua imprudente conduta. Apesar do status intergovernamental do FMI, estão a exigir um maior controle dos Estados Unidos sobre o FMI. Também indicam que, no futuro, o FMI deveria ter um papel mais contemplativo (semelhante ao das agencias de qualificação de risco, como Moody's ou Standard and Poor) enquanto consignavam o financiamento dos resgates multimilionários ao sector privado.

Depois de, em 1998, terem discutido este assunto à porta fechada, os maiores bancos e companhias de inversão do mundo apresentaram uma iniciativa mais inteligente (acomodada no seu idioma mais suave) através do seu vogal em Washington (o Instituto de Finanças Internacionais). A proposta dos bancos consistia na criação de um "Guardião Financeiro" — o chamado " Conselho Consultivo do Sector Privado" — com o fim de supervisionar regularmente as actividades do FMI. "O Instituto (de Finanças Internacionais), com o selo quase universal das maiores firmas de finanças privadas, está preparado para trabalhar

com a comunidade oficial para adiantar o processo".

Respondendo à iniciativa dos bancos globais, o FMI solicitou passos concretos "para fortalecer a participação do sector privado no manejo da crise" — o que pode ser interpretado como "um arranjo para compartilhar a crise", entre o FMI e os bancos globais. A comunidade bancária internacional também estabeleceu o seu próprio "Comité Directivo Sobre as Finanças dos Mercados Emergentes", integrado por alguns dos homens de finanças mais poderosos do mundo, incluindo William Rodes, vice-presidente do Citibank e Sir David Walker, presidente da Morgan Stanley.

A agenda oculta por trás destas diferentes iniciativas é transformar gradualmente o FMI — do seu status actual como organismo intergovernamental — numa burocracia com a máxima legalidade que venha a servir mais efectivamente os interesses dos bancos globais. E o mais importante é que, os bancos e os especuladores querem ter acesso aos pormenores das negociações do FMI com os governos membros, o que os capacitaria a posicionarem cuidadosamente os seus assaltos aos mercados financeiros, tanto antes como depois de um acordo de resgate do FMI. Os bancos globais (apontando para a necessidade de "transparência") apelaram a que "o FMI disponha pormenores preciosos (sobre as suas negociações com os governos nacionais) sem revelar informações confidenciais..."

Mas, o que na realidade querem, é informação interna privilegiada. A actual crise financeira, não só leva ao ocaso das instituições estatais nacionais em todo o mundo, mas também consiste num desmantelamento (e possível privatização) das instituições do pós-guerra estabelecidas pelos pais fundadores da Conferencia de Bretton Woods em 1944. Em flagrante contraste com o actual papel destrutivo do FMI, os seus architectos desejariam que essas instituições salvaguardassem a estabilidade das economias nacionais. Nas palavras de Henry Morgenthau, secretário do Tesouro dos Estados Unidos, na sua declaração de encerramento da conferencia (22 de Julho de 1944): "Viemos aqui para desenvolver métodos que eliminem os males económicos — a desvalorização monetária competitiva e os obstáculos que afectam o comércio — que precederam a actual guerra. Tivemos êxito neste esforço".

[\*] Professor da Universidade de Montreal, Canadá. Autor de *A globalização da pobreza*, director do Centro de Investigação sobre a Globalização .

**XXX**

## **Goldman Sachs**

Goldman Sachs é um dos maiores bancos de investimento do mundo. Fundado em 1869 por Marcus Goldman<sup>[2]</sup>, a está sediado actualmente em Nova York e mantém escritórios em muitos outros centros financeiros mundiais como Londres, Boston, Chicago, Miami, Dallas, Los Angeles, San Francisco, Frankfurt, Zurique, Paris, São Paulo, Bangalore, Bombaim, Hong Kong, Pequim, Cidade do México,

Singapura, Salt Lake City, Sydney, Dubai, Madrid, Milão, Calgary, Melbourne, Auckland, Seoul, Tóquio, Taipei, Moscou, Tel-Aviv, Toronto, e Monaco.

Como **banco de investimento**, Goldman Sachs age como **conselheiro financeiro** para **governos**, grandes **empresas** e algumas das famílias mais ricas do mundo. Oferece aos seus clientes **consultoria** sobre **fusões** e aquisições de empresas, serviços de **subscrição financeira** e outros produtos financeiros. É também um revendedor primário no mercado de **valores mobiliários** do **Tesouro dos Estados Unidos**.

Goldman Sachs opera em três segmentos:

Banca de Investimento;  
Trading e Investimentos e  
Administração de Recursos e Securitização.

Em **2010** contava com **35.700** empregados em mais de **20** países.

### *No Brasil*

Goldman Sachs opera no Brasil há 17 anos e é presentemente um dos líderes na assessoria em fusões e aquisições no país. A despeito de sua fraqueza histórica nos demais mercados do Brasil, a companhia está perseguindo um plano de expansão agressivo. Recentemente obteve licença para operar com **câmbio, juros e commodities** na **Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F)** e é atualmente uma das maiores empresas do **mercado**, com aproximadamente **30%** das **posições em aberto**,<sup>[3]</sup> um avanço notável, que se deve ao fato de o banco já operar com esses ativos no **mercado de balcão** em **Nova York**.

Quando iniciou as suas operações no **Brasil**, o banco viu frustradas as suas tentativas de adquirir as companhias brasileiras **Garantia (1998)** e **Pactual (2006)**, que acabaram sendo compradas pelos bancos suíços **Credit Suisse** e **UBS**. Após estas derrotas, o banco adotou uma nova estratégia de crescimento orgânico e trouxe muitas pessoas talentosas dos seus escritórios nos **Estados Unidos** para o seu escritório em **São Paulo**.<sup>[4]</sup>

### *Referências*

↑ **2011-q4-results**. The Goldman Sachs Group, inc. and subsidiaries]].

↑ **History and Growth**. Goldman Sachs Group, Inc.. Página visitada em 2011-04-19.

↑ No jargão financeiro, posição é o saldo, numa determinada data, resultante dos negócios efetuados por um cliente, intermediados por uma mesma corretora de **mercadorias**, com o mesmo contrato, registrado pelo mesmo agente de compensação. Quando detém um **ativo financeiro** que varie no mercado, diz-se que se tem uma "posição". Ver **Glossário Financeiro**. Por exemplo, diz-se que, no **mercado futuro**, o vendedor, assim como o comprador pode sair do contrato, liquidando-o financeiramente antes do vencimento. Ou seja, a qualquer momento, o comprador pode vender sua **posição**, isto é, negociar seu contrato e transferi-lo para outra pessoa. (Ver **SCHOUCHANA, F. Mercados Futuros e de Opções Agropecuárias: Teoria e Prática**. São Paulo, 2ª ed. 1995:08).

"Posição em aberto" é o saldo em aplicações nos mercados futuros e de opções)  
 ↑ Goldman Sachs tem novo presidente: Valentino Carlotti será responsável pelo banco no Brasil. Página visitada em 2012-02-06.. Exame 7 de abril de 2007.

...

## *Afinal, o Goldman Sachs manda no mundo?*

Rui Barroso  
 16/10/11 18:17

Coloca ex-funcionários nos lugares de topo que decidem o rumo da economia global, o que leva muitos a dizerem que domina o mundo.

"Sou um banqueiro a fazer o trabalho de Deus". É a forma como o presidente do maior banco de investimento do mundo vê a sua missão no comando do Goldman Sachs. Mas na opinião de um número cada vez maior de pessoas, o "trabalho de Deus" do Goldman Sachs é a encarnação do lado negro da força em Wall Street. E há até quem defenda que é este banco que manda no mundo e não os governos.

"Eu concordo com a tese de que os bancos, e especialmente o Goldman Sachs, se tornaram demasiado poderosos na medida em que influenciam a nossa política, a nossa economia e a nossa cultura", referiu o autor de "Money & Power: How Goldman Sachs Came to Rule the World", William D. Cohan, ao Outlook. E o poder do Goldman Sachs nos centros de decisão política até lhe valeu a alcunha, dada por banqueiros concorrentes, de Government Sachs. O banco liderado por Lloyd Blankfein conta com um exército de antigos funcionários em alguns dos cargos políticos e económicos mais sensíveis no mundo. E o inverso também acontece, o recrutamento de colaboradores que já desempenharam cargos de decisão.

"Não há dúvida que Wall Street tem uma força cada vez mais poderosa no governo americano. Não são apenas os milhões que vão para os bolsos de políticos atrás de políticos para ajudá-los a ganhar as eleições, mas os banqueiros de Wall Street são frequentemente escolhidos para posições de poder na Casa Branca, no Tesouro, na SEC [regulador dos mercados financeiros] e noutros reguladores", observa William D. Cohan, que passou 16 anos a trabalhar na banca de investimento antes de se dedicar ao jornalismo de investigação.

O banco reconhece no seu site que os antigos colaboradores contribuíram para a rica história e tradição da empresa e "orgulhamo-nos de muitos continuarem activamente ligados. Isto não ajuda apenas a validar a nossa cultura mas também a fornecer um valor real e tangível que transcende uma geração". E não é só nos EUA que ex-Goldmans dão o salto para altos cargos políticos e económicos. Um dos exemplos é o futuro presidente do Banco Central Europeu, Mario Draghi, que

desempenhou o cargo de director-geral do Goldman International entre 2002 e 2005, levando-o mesmo a ser questionado no Parlamento Europeu sobre as ligações do banco de investimento à Grécia.

### **Duas crises de proporções épicas, duas epopeias de escândalos**

O mundo enfrentou duas das maiores crises das últimas décadas em quatro anos. E, tanto na crise financeira de 2008 como na tragédia grega, o Goldman Sachs foi alvo de acusações de actuações menos correctas.

Começando por Atenas, o Goldman Sachs ajudou, a partir de 2002, a Grécia a encobrir os reais números do défice, através de 'swaps' cambiais com taxas de câmbio fictícias, o que na prática permitiu a Atenas aumentar a sua dívida sem reportar esses valores a Bruxelas. Segundo o "Der Spiegel", o banco cobrou uma elevada comissão para fazer esta engenharia financeira e, em 2005, vendeu os 'swaps' a um banco grego, protegendo-se assim de um eventual incumprimento por parte de Atenas. No início de 2010, os analistas do Goldman recomendaram aos seus clientes a apostar em 'credit-default swaps' sobre dívida de bancos gregos, portugueses e espanhóis. Os CDS são instrumentos que permitem ganhar dinheiro com o agravamento das condições financeiras de determinado país. "É um escândalo se os mesmos bancos que nos trouxeram para a beira do abismo ajudaram a falsear as estatísticas", referiu a chanceler alemã Angela Merkel.

As autoridades europeias e a SEC abriram investigações ao logro das contas gregas, mas isso não impediu que Petros Christodoulou, um antigo empregado na divisão de derivados do Goldman, assumisse em Fevereiro de 2010 o cargo de director da entidade que gere a dívida pública grega. Além disso, o Goldman tem ajudado o Fundo Europeu de Estabilização Financeira a colocar dívida para financiar Portugal, Irlanda ao abrigo do programa de assistência financeira. O FEEF justifica a escolha com o alcance global do banco. Além do Goldman, também o BNP Paribas e o Royal Bank of Scotland costumam ser escolhidos para liderar estas operações.

O escândalo grego levou alguns deputados europeus a questionarem o futuro presidente do BCE sobre a sua independência para assumir o cargo. Queriam saber se teve conhecimento das operações feitas com a Grécia e se o cargo no Goldman não poderia afectar a percepção sobre a sua integridade para substituir Trichet. Draghi negou as ligações aos negócios com Atenas e defendeu o seu registo em alertar para os riscos que o sector financeiro estava a tomar.

### **Manifestações à porta do Goldman apesar de ameaça de prejuízos**

Mas é nos EUA que há mais sinais de raiva contra o Goldman Sachs. Esta semana, o movimento dos "Ocupas" de Wall Street manifestou-se à frente do banco. A fúria contra o banco deve-se à actuação do Goldman durante a crise financeira. O banco chegou mesmo a ser condenado por fraude pela SEC por estar a apostar contra instrumentos ligados ao mercado imobiliário, ao mesmo tempo que vendia esses mesmos instrumentos aos seus clientes. Além disso, recorreu a fundos

públicos e foi acusado de ser beneficiado com o resgate da AIG, coordenado pelo Tesouro dos EUA, liderado na altura por um antigo presidente do Goldman. "Os banqueiros e 'traders' de Wall Street foram recompensados por tomarem riscos elevados com o dinheiro de outras pessoas. Como consequência, os bancos foram salvos e os banqueiros receberam os seus bónus de milhões de dólares. É difícil de acreditar que foram recompensados pelo seu falhanço, mas foi o que aconteceu", defende William D. Cohan.

Uma das respostas aos que acusam o Goldman de dominar o mundo financeiro é que, afinal, o banco também sofre com a crise. Os analistas de mercado esperam que o banco tenha registado o segundo prejuízo trimestral da sua história entre Julho e Setembro. Isto depois de ter lucrado mais de mil milhões de dólares no segundo trimestre. Em 2010 e 2009, conseguiu receitas de 39,2 mil milhões de dólares e de 45,2 mil milhões de dólares, respectivamente. Mais de 35% destes valores foram utilizados para pagar bónus aos seus empregados. O salário e bónus do presidente do banco, Lloyd Blankfein, situou-se em 13,2 milhões de dólares no ano passado.

**O homem que denunciou o Goldman em directo**

Alessio Rastani, um 'trader' em 'part-time', defendeu em directo na BBC que não eram os governos que mandavam no mundo, mas sim o Goldman Sachs. Rui Barroso.

Alessio Rastani transformou-se num fenómeno. O 'trader' em 'part-time' surpreendeu tudo e todos numa entrevista à BBC. Além de vários cenários catastrofistas sobre a crise, Rastani defendeu que "este não é o momento para pensar que os governos irão resolver as coisas. Os governos não mandam no mundo, o Goldman Sachs manda no mundo". Bastaram pouco mais de três minutos para tornar Rastani num fenómeno na Internet. O vídeo tornou-se viral e levantou a controvérsia sobre o poder que o banco liderado por Lloyd Blankfein tem na economia e na política. Isto apesar de haver quem defendesse que Rastani estaria apenas a pregar uma partida à BBC e que pertencesse a um grupo satírico chamado Yes Men. O próprio 'trader' refutou esta tese, apesar de reconhecer que gosta mais de falar do que de fazer negociação em bolsa, algo que vê apenas como um 'hobbie'.

Esta semana, numa entrevista ao "Huffington Post", Rastani teceu uma série de ideias sobre o papel do Goldman no mundo. E diz que as teorias da conspiração que aparecem sobre o banco não são uma coincidência.

"Os governos dependem dos bancos, os bancos dependem dos governos. A relação é tão cinzenta e quem controla quem? Quem é o marionetista e quem é a marioneta? As pessoas podem ter as suas ideias sobre isto. Eu apenas expressei a minha perspectiva", disse.

Rastani não é o primeiro a atacar o papel do Goldman no mundo. Em Abril de 2010, um jornalista da "Rolling Stone" escreveu um artigo que se tornou famoso,

tanto para os contestatários ao banco como para os que defendem o Goldman e utilizam a caracterização feita pelo repórter para ironizar com os detractores do banco. Matt Taibbi descreveu o Goldman como um "grande vampiro" que se alimenta da humanidade, com um apetite sanguinário implacável por tudo o que envolva dinheiro.

#### **Do Goldman para o poder**

**O Goldman Sachs é uma escola que permite a muitos economistas e gestores atingir cargos de poder um pouco por todo o mundo.**

**Hank Paulson, antigo secretário de Estado do Tesouro dos EUA**  
**Saiu da liderança do Goldman Sachs para ser secretário de Estado do Tesouro durante a administração Bush. Paulson delineou o programa de ajuda à banca durante a crise financeira de 2008, que também resgatou o Goldman.**

**Mario Draghi, futuro presidente do BCE**  
**O futuro presidente do BCE, Mario Draghi, foi director-geral da Goldman Sachs International entre 2002 e 2005. A ligação levou-o a enfrentar perguntas dos eurodeputados sobre se esteve envolvido na ocultação do défice grego.**

**Mark Carney, governador do Banco Central do Canadá**  
**O actual governador do banco central do Canadá passou 30 anos no Goldman. Foi responsável pelas áreas relacionadas com risco soberana e foi o homem com a tarefa de delinear a estratégia do banco durante a crise russa de 1998.**

**Romano Prodi, antigo presidente da comissão europeia**  
**O antigo presidente da Comissão e ex-primeiro-ministro italiano esteve no Goldman nos anos 90. A ligação valeu-lhe críticas da Oposição quando rebentou um escândalo a envolver o Goldman e uma empresa italiana.**

**Robert Zoellick, presidente do Banco Mundial**  
**O actual presidente do Banco Mundial foi director-geral do Goldman. Antes de se juntar ao banco tinha trabalhado no Departamento do Tesouro norte-americano. Lidera o Banco Mundial desde Julho de 2007.**

**Robert Rubin, antigo Secretário de Estado do Tesouro dos EUA**  
**Robert Rubin teve cargos de topo na administração do Goldman. Após 26 anos no banco foi escolhido por Bill Clinton como secretário de Estado do Tesouro. Após passar pelo Governo, trabalhou no Citigroup.**

**Duncan Niederauer, presidente da NYSE Euronext**  
**O presidente da NYSE Euronext, Duncan Niederauer, que detém as bolsas de Nova Iorque e de Paris, Bruxelas, Amesterdão e Lisboa, foi responsável do Goldman pela área da execução de ordens dadas sobre títulos financeiros.**

**Mark Patterson, Chefe de Staff do Tesouro dos EUA**  
**Mark Patterson é o chefe de gabinete do actual secretário do Tesouro dos EUA,**

**Timothy Geithner.** Antes de se juntar ao governo estava registado como lóbilista, intercedendo para defender os interesses do Goldman.

**António Borges,** director do Departamento Europeu do FMI  
O economista foi vice-presidente e director-geral do Goldman entre 2000 e 2008. Após sair do banco foi da associação que delinea a regulação dos 'hedge funds'. Em Outubro de 2010, foi nomeado director do FMI para a Europa.

**Carlos Moedas,** Secretário de Estado adjunto do Primeiro Ministro  
Após acabar o MBA em Harvard, no ano 2000, o actual responsável pelo acompanhamento do programa da 'troika' foi trabalhar para a divisão europeia de fusões e aquisições do Goldman Sachs. Saiu do banco em 2004.

**António Horta Osório,** presidente do Lloyds Bank  
O primeiro emprego de Horta Osório após terminar o MBA no Insead foi no Goldman, centrando-se na área de 'corporate finance'. Actualmente é presidente do banco britânico Lloyds depois de ter estado no Santander.

### ***Goldman: a máquina de fazer dinheiro na bolsa***

**Rui Barroso**  
16/10/11 18:21

**Goldman** negocia com um programa que tem potencial para influenciar os mercados. Regulador quer acabar com divisões de negociação com fundos dos próprios bancos.

É uma das jóias da coroa do Goldman Sachs mas os reguladores estão a ameaçá-la. A negociação de acções e obrigações com dinheiro do próprio banco terá, segundo a "Bloomberg", representado mais de 30% dos lucros que o Goldman conseguiu gerar em 2010. Nestas divisões, os especialistas do banco investem ainda em capital de risco e em 'hedge funds'. Apesar destas informações, os responsáveis do banco dizem que este tipo de negócios por conta do próprio banco não têm um peso significativo nos resultados. No entanto, a imprensa norte-americana dá conta que o Goldman já estará a estudar formas de fintar o regulador, que quer acabar com este tipo de divisões nos bancos.

A negociação por conta própria do Goldman Sachs é conhecida pela sua pontaria. No segundo trimestre de 2010, enquanto se incendiava o rastilho da crise de dívida soberana, as operações de 'trading' do Goldman não fecharam um único dia com perdas. Em 2009, a taxa de dias positivos foi de 87,5%. O banco é activo na negociação de alta frequência, uma estratégia que faz negócios ao milésimo de segundo tendo como base 'softwares' que detectam padrões de negociação e reagem rapidamente à informação que chega aos mercados. Para elaborar esses programas são necessários códigos. E em 2009, rebentou o escândalo.

Um antigo funcionário do Goldman, Sergey Aleynikov, foi detido por tentar vender parte do código secreto que o banco utiliza para fazer os seus negócios por

conta própria e para assumir funções de 'market maker' (de assegurar liquidez ao mercado). Segundo o Ministério Público, na acusação ao antigo colaborador, "o banco levantou a possibilidade de que existe o perigo de que alguém que saiba como utilizar o programa possa fazê-lo para manipular o mercado de formas injustas". Além disso, argumentou o procurador, o Goldman "gastou milhões atrás de milhões de dólares a desenvolver o programa nos últimos anos e é algo que dá ao banco milhões de dólares em receitas".

...

**Reguladores apertam o cerco à negociação por conta do banco**

Na sequência da crise financeira, os reguladores estão a apertar o cerco às práticas de bancos como o Goldman Sachs. Consideram que as divisões de negociação por conta e risco do próprio banco são um dos factores que podem levar a crises como a do Lehman Brothers. Mas Wall Street não dorme.

O Goldman Sachs e os seus funcionários foram os maiores financiadores de Obama na corrida à Casa Branca e o lóbi de Wall Street está presente na nova regulação para os mercados financeiros. "Estão a ter um papel importante. Eu não diria que o poder político está subjogado ao poder financeiro mas eles funcionam como uma mão e uma luva, tornando seguro que Wall Street pode viver com as novas leis e regulações, apesar de Wall Street preferir que elas não existissem", defende William D. Cohan, jornalista que tem investigado o modo de actuação do Goldman Sachs.

E mesmo com novas regras, por mais ou menos apertadas que sejam, há forma de contorná-las. A nova regulação aplicar-se-á a bancos que tenham tido acesso a ajudas estatais ou que possam obter financiamento junto da Reserva Federal dos EUA. Na crise financeira, o Goldman mudou o seu estatuto de banco de investimento para banco comercial para conseguir aceder àquelas ajudas e começar a receber depósitos. Duas das soluções apontadas pelos analistas passam ou por reclassificar as unidades de negociação por conta própria do banco ou por abandonar o estatuto de banco comercial para escapar à regulação da Fed. Isto apesar de algumas das unidades de 'proprietary trading' já terem sido encerradas pelo Goldman. "Nos últimos anos, os bancos foram humilhados e tornaram-se mais modestos, mas suspeito que esse sentimento não irá durar e em breve as empresas de Wall Street que sobreviverem voltarão novamente aos seus velhos truques", conclui William D. Cohan.

## *Os negócios do Goldman Sachs com Portugal*

Rui Barroso  
16/10/11 18:23

O Goldman Sachs é uma entidade global e das mais influentes junto dos mercados. Como consequência, as instituições portuguesas que necessitem de fazer operações financeiras optam frequentemente pela contratação do banco. A começar pelo

**próprio Estado. O banco liderado por Lloyd Blankfein é Operador Especializado em Valores do Tesouro. O mesmo é dizer que é uma das entidades contratadas pelo Estado para colocar dívida nacional no mercado e para aconselhar sobre as estratégias de financiamento que Portugal deve tomar para convencer os investidores a comprarem dívida da República. Apesar disso, e à semelhança de muitos bancos internacionais, desde Setembro de 2010 que o Goldman dizia aos seus clientes que Portugal não iria conseguir financiar-se nos mercados e que teria de recorrer a ajuda externa. A ligação ao Goldman e a outras grandes firmas de Wall Street levou alguns órgãos de comunicação anglo-saxónicos a sugerir que Portugal e estes bancos terão feito negócios similares aos embustes orçamentais na Grécia. Estas afirmações foram refutadas pelas autoridades europeias.**

**Mas não é apenas com o Estado que o Goldman tem relações. Num dos períodos mais quentes da história da bolsa portuguesa, o banco de investimento teve um papel fulcral. Nas ofertas públicas de aquisição que a Sonaecom lançou à Portugal Telecom e que o BCP lançou ao BPI, ambas em 2006, o Goldman foi contratado pelos alvos das ofertas para ajudar a montar as estratégias de defesa às ofertas hostis. Recentemente, foi ainda noticiado que o Goldman Sachs mostrou interesse em analisar os dossiers das privatizações da EDP e da REN que o Governo está a preparar no âmbito do programa de assistência financeira a Portugal. Outro negócio a envolver o Goldman e uma empresa portuguesa foi a compra, por parte da EDP Renováveis, de uma eólica norte-americana. A cotada nacional comprou a Horizon Wind Energy por 1,6 mil milhões de euros ao Goldman Sachs**

#### **Analistas do Goldman acompanham acções nacionais**

**Outra das actividades do Goldman Sachs no mercado nacional é o acompanhamento de acções portuguesas. Os analistas do banco de investimento seguem actualmente 13 cotadas portuguesas. E as recomendações nem são negativas. O Goldman recomenda "comprar" Galp, EDP e Jerónimo Martins. Apenas a Semapa é vista pelos analistas do Goldman como um título a "vender". Os restantes, incluindo os títulos do sector financeiro, têm uma apreciação de "neutral".**

**Além de acompanhar o mercado português, o Goldman teve colaboradores portugueses que estão agora sob os holofotes. É o caso de António Horta Osório, que trabalhou no banco antes de assumir cargos de relevo no Santander e no Lloyds. O actual presidente do banco britânico trabalhou na área de 'corporate finance' do Goldman. Também o actual secretário de Estado adjunto do primeiro-ministro, Carlos Moedas, teve uma passagem pelo gigante das finanças. O governante, que tem a cargo o acompanhamento da aplicação do memorando com a 'troika', trabalhou no departamento europeu de fusões e aquisições do Goldman. Outro português que se notabilizou no banco foi António Borges, director-geral e vice-presidente do banco entre 2000 e 2008. O economista foi depois presidente da entidade que delineia a regulação dos 'hedge funds' e actualmente dirige a divisão europeia do Fundo Monetário Internacional.**



## Citigroup Inc.



**Citigroup Center**  
Los Angeles, California, USA

<b><i>Slogan</i></b>	<b>"Live Richly."</b>
<b><u>Tipo</u></b>	<b><u>Privada, Sociedade Anônima (NYSE: C,TSE: 8710)</u></b>
<b><u>Fundação</u></b>	<b><u>Baltimore, Maryland (1986)</u></b>
<b><u>Pessoa(s) chave</u></b>	<b><u>Sandy Weill, Chairman</u> <b><u>Robert Rubin, Diretor</u> <b><u>Charles Prince, CEO</u> <b><u>Robert Willumstad, COO</u> <b><u>Sallie Krawcheck, CFO</u></b></b></b></b></b>
<b><u>Empregados</u></b>	<b>275 000 (2004)</b>
<b><u>Indústria</u></b>	<b><u>Rede de bancos</u></b>
<b><u>Produtos</u></b>	<b>Serviços gerais de bancos e Seguros</b>
<b><u>Faturamento</u></b>	<b>\$108 276 B USD (▲ 9,2%) (exercício 2004)</b>

**Citigroup Inc. é a maior empresa do ramo de serviços financeiros do mundo de acordo com a Forbes. Tem sede na cidade de Nova Iorque. A formação da empresa**

foi anunciada em 7 de abril de 1998, a partir da fusão do *Citicorp* com o *Travelers Group*.

Foi a primeira empresa americana a unir seguros com serviços bancários desde a Grande Depressão. A empresa possui cerca de 300.000 funcionários e mais de 200 milhões de clientes em mais de 100 países, com seus ativos valendo algo em torno de 1.6 trilhão de dólares. É o principal negociador do Tesouro dos EUA e suas ações fazem parte do índice Dow Jones.

Em 5 de setembro de 2006, o Citigroup anunciou que o Ministro de Cingapura, Lee Kuan Yew, aceitou ser seu conselheiro. Ele fornecerá conselhos à diretoria do *Citigroup* em desenvolvimentos de negócios internacionais que impactem a economia e os negócios globalmente.

Dia 11 de Novembro de 2011 anunciou a Venda da Gravadora EMI para Vivendi por 1,2 bilhão de libras esterlinas.<sup>111</sup>

### **Atuação**

*Citigroup*, por ser uma das maiores empresas do mundo, possui grande patrimônio financeiro e se ocupa em financiar projetos de desenvolvimento através de sua linha de crédito com empréstimos a juros baixos.

### **Divisão**

*Citigroup* anunciou que vai se dividir em duas unidades de negócio, para conter o prejuízo líquido de US\$ 8,29 bilhões no quarto trimestre de 2008 (US\$ 1,72 por ação). As unidades que não possuem problemas serão mantidas sob o nome de *Citicorp* e as unidades que apresentarem problemas passarão a se chamar Citi Holdings.

### **Referências**

↑

<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/11/universal-fecha-compra-da-emi-por-us-19-bilhao.html>

## **O DRAGÃO**

UMA das cabeças do dragão é a Goldman Sachs e seus aliados.

1 – Se repararem nos últimos 100 anos de história deste “Banco de Investimentos” ele aparece sempre ligado aos grandes desastres financeiros e suas consequências (guerras, fome, miséria, suicídios em larga escala, etc.).

2 – Se repararem bem muitos dos actuais dirigentes mundiais – nos mais variados campos mas, sobretudo, no financeiro – trabalham para a Goldman Sachs e seus aliados (e digo trabalham porque eles estão organizados com uma “ordem secreta” da qual não se sai... mesmo quando afirmam o contrário...).

3 – Pouca gente se apercebeu que a IIª Guerra Mundial foi, sobretudo, uma guerra pela posse de Almas. Se o Nazismo tivesse vencido, Lúcifer reinaria com todo o seu

monstruoso poder mas ainda não desistiu e não é por acaso que se assiste ao renascimento do Nazismo, em especial e dos Fascismos, em geral.

4 – O Sector Financeiro é uma espécie de Frankenstein que escapou ao seu criador e nada tem que ver com os Bancos Tradicionais. São máquinas de especulação que jogam e especulam enganando e roubando os clientes. Têm as maiores taxas de rendimento do mundo. São verdadeiros VAMPIROS que ganham sempre. Os banqueiros são grandes PREDADORES que ganham mais dinheiro destruindo do que fazendo negócios tradicionais. E, quanto mais destroem e perdem com os seus clientes, mais ganham eles mesmos. Os administradores dessas máquinas de fazer dinheiro são dos homens mais ricos do mundo e, repare-se, os lucros das empresas diminuem mas os salários dos administradores duplicam e triplicam...

São os controladores do dinheiro e, quem controla o dinheiro, controla os governos – por isso não há leis para castigar os banqueiros...

Fizeram aquilo a que se chama “Aposta Negativa” e “Crédito de Neutrões”, que é como estes banqueiros chamam ao crédito oferecido que acaba por destruir o cliente (pessoa, empresa, município ou país) mas deixa intactos os bens deste que ficam para os Bancos – tal como a bomba de neutrões, que mata as pessoas mas deixa intactos os imóveis e outros bens.

Têm o poder de arruinar países e economias. Obrigam os governos a pedir dinheiro e, ao mesmo tempo, aumentam os juros, obrigando esses países a tomar medidas que levam à pobreza, à miséria.

A própria CRISE ECOLÓGICA está ligada à CRISE ECONÓMICA.

5 – Veja-se, também, o que se está a passar em Portugal, com as “imposições da Troika” e a política seguida pelo governo PSD/CDS (mais gravosa que a imposta pelo “Capital Neutrónico”) e as privatizações já feitas e seu “método” (os cargos atribuídos a certos indivíduos e os salários que vão auferir não vos lembram nada?) ...

**A Democracia está a ser assassinada e o Mundo está a ser saqueado e não há “oásis” para onde fugir...**

**Já estamos, então, a ser governados pelo Anticristo?**

**Sim, somos governados por um TOTALITARISMO invertido (a inversão das coisas é um sinal satânico) em que não se conhece o DITADOR (o Diabo) porque se oculta por detrás de “Sociedades Anónimas” e dos “Offshores”.**

## Voracidade

**Ignacio Ramonet**

Ao mesmo tempo que, contra o horror económico, o discurso crítico – a que durante algum tempo se chamou alterglobalista – se enreda e de repente se torna inaudível, vai-se instalando um novo capitalismo, ainda mais brutal e conquistador: o de uma nova categoria de fundos de rapina, as *private equities*, fundos de investimento rapaces, com apetites desmesurados e detentores de capitais gigantescos [1].

Os nomes destes titãs – The Carlyle Group, Kohlberg Kravis Roberts & Co (KKR), The Blackstone Group, Colony Capital, Apollo Management, Starwood Capital Group, Texas Pacific Group, Wendel, Eurazeo, etc. – continuam a ser pouco conhecidos do grande público. E graças a esta discrição estão a apoderar-se da economia mundial. Em quatro anos, de 2002 a 2006, o montante dos capitais obtidos por estes fundos de investimento, que colectam o dinheiro dos bancos, dos seguros, dos fundos de pensões, e os haveres de riquíssimos particulares, passou de 94 mil milhões de euros para 358 mil milhões... O seu poder de fogo financeiro é fenomenal, ultrapassando 1,1 biliões de euros. Nada lhes resiste. O ano passado, nos Estados Unidos, as principais *private equities* investiram cerca de 290 mil milhões de euros na aquisição de empresas, e mais de 220 mil milhões só no primeiro semestre de 2007, passando assim a controlar 8000 empresas... Actualmente, um em cada quatro assalariados norte-americanos e quase um em cada doze franceses trabalham já para estes mastodontes [2].

França tornou-se aliás, depois do Reino Unido e dos Estados Unidos, o seu primeiro alvo. O ano passado, em território francês, estes fundos apoderaram-se de 400 empresas (por um montante de 10 mil milhões de euros) e já gerem ali mais de 1600. Marcas muito conhecidas – Picard, Dim, os restaurantes Quick, Buffalo Grill, Les Pages Jaunes, Allociné ou Afflelou – são agora controladas por *private equities*, quase todas anglo-saxónicas, que já estão de olhos postos nos gigantes do índice CAC 40.

O fenómeno destes fundos rapaces surgiu há uns quinze anos, mas nos últimos tempos, estimulado pelo crédito barato e graças à criação de instrumentos financeiros cada vez mais sofisticados, tem vindo a adquirir uma amplitude preocupante. Porque o princípio é simples: um clube de investidores afortunados decide adquirir empresas, que depois gere de forma privada, longe da Bolsa e das suas regras constrangedoras, e sem ter de prestar contas a accionistas minuciosos [3]. A ideia consiste em contornar os próprios princípios da ética do capitalismo, apostando apenas nas leis da selva.

Concretamente, como no-lo explicam dois especialistas, as coisas passam-se assim: *«Para adquirir uma sociedade que vale 100, o fundo aplica 30 do seu bolso (percentagem média) e os restantes 70 pede-os emprestados aos bancos, aproveitando as muito baixas taxas de juro do momento. Durante três ou quatro anos reorganiza a empresa com a direcção em funções, racionaliza a produção, desenvolve actividades e capta a totalidade ou parte dos lucros para pagar os juros... da sua própria dívida. Depois revende essa mesma empresa por 200, com frequência a um outro fundo, que irá fazer a mesma coisa. Reembolsados os 70 obtidos a crédito, ficam com 130 no bolso, por um investimento inicial de 30, obtendo assim mais de 300 por cento de taxa de retorno sobre o capital investido em quatro anos. Haverá melhor?»* [4]

Ao mesmo tempo que pessoalmente ganham fortunas demenciais, os dirigentes destes fundos praticam doravante, sem sentimentalismos, os quatro grandes princípios da «racionalização» de empresas: reduzir o emprego, comprimir os salários, aumentar os ritmos de produção e deslocalizar. São nisso estimulados pelas autoridades públicas, as quais, como em França hoje em dia, sonham «modernizar» o aparelho de produção. E fazem-no em detrimento e para desespero dos sindicatos, que denunciam vigorosamente o pesadelo e o fim do

contrato social. Havia quem pensasse que com a globalização o capitalismo estaria por fim saciado. Vê-se porém agora que a sua voracidade não tem limites. Até quando?

terça-feira 6 de Novembro de 2007

## Notas

[1] Ler Frédéric Lordon, «O mundo refém do poder financeiro», *Le Monde diplomatique – edição portuguesa*, Setembro de 2007.

[2] Ler Sandrine Trouvelot e Philippe Eliakim, «Les fonds d'investissement, nouveaux maîtres du capitalisme mondial», *Capital*, Paris, Julho de 2007.

[3] Ler Philippe Boulet-Gercourt, «Le retour des rapaces», *Le Nouvel Observateur*, Paris, 19 de Julho de 2007.

[4] Cf. *Capital*, *op. cit.*